

2005



Universidade Federal de Rondônia
Núcleo de Ciências Humanas – Departamento de Línguas Vernáculas
Grupo de Pesquisa LILIPO - Literaturas de Língua Portuguesa
Campus de Porto Velho



2015



1º COEL

Colóquio de Estudos Literários

7 e 8 de abril de 2016

Caderno de Resumos

ANO 1. VOLUME 1.

ISSN 2448-0908

Porto Velho – 2016



Universidade Federal de Rondônia – Campus de Porto Velho – RO.

BR 364, Km 9,5 - Porto Velho - RO – Brasil -CEP: 78900-000

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

Reitora – Prof.^a Dr.^a Maria Berenice Alho da Costa Tourinho

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

Pró-Reitor - Prof. Dr. Ari Miguel Teixeira Ott

PRÓ-REITORIA DE CULTURA, EXTENSÃO E ASSUNTOS ESTUDANTIS

Pró-Reitor - Prof. Me. Rubens Vaz Cavalcante

NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor - Prof. Dr. Júlio César Barreto Rocha

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS VERNÁCULAS

Chefe do Departamento – Prof. Dr. José Eduardo Martins

GRUPO DE PESQUISA LILIPO - LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Líder – Prof. Dr. Pedro Manoel Monteiro

Vice-líder – Profa. Dra. Raquel Aparecida Dal Cortivo

Universidade Federal de Rondônia – Campus de Porto Velho – RO.

BR 364, Km 9,5 - Porto Velho - RO – Brasil -CEP: 78900-000

1º COEL - Colóquio de Estudos Literários

Comissão Organizadora:

Prof. Dr. Pedro Manoel Monteiro - LILIPO - MEL – UNIR - Coordenador Geral

Prof. Dr. Fernando Simplicio dos Santos - LILIPO – UNIR

Profa. Dra. Raquel Aparecida Dal Cortivo - LILIPO – UFAM – FAPEAM - USP

Prof. Dr. Vitor Cei Santos- LILIPO – UNIR

Mestranda Carolina de Almeida Lima - LILIPO - MEL - UNIR

Mestranda Eliana Azevedo Sarmento - LILIPO - MEL - UNIR

Mestranda Lisiane Oliveira e Lima Luiz - LILIPO - MEL - UNIR

Mestranda Uilza Clemanci Alves dos Santos - LILIPO - MEL - UNIR

Mestrando Uryelton de Souza Ferreira - LILIPO - MEL – UNIR

Bibliotecária Especialista Ednelza Sarmento Garcia Gushiken - UFAM - LILIPO

Graduanda Adriele Santiago Moreira - LILIPO – UNIR

Graduanda Carolina Moser de Mendonça- LILIPO – UNIR

Graduanda Emanuely Mariana Trindade Guimarães - LILIPO - UNIR

Graduanda Julcy Emanuella da Silva - LILIPO - UNIR

Graduanda Keily Martins Francisco - LILIPO - UNIR

Graduanda Laíssa Pereira de Almeida - LILIPO - UNIR

Graduanda Sandra Stephanovich Bresolin - LILIPO – UNIR

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.	5
PROGRAMAÇÃO DO 1º COEL	6
ÍNDICE DE AUTORES.	10
RESUMO DAS COMUNICAÇÕES.	13
RESUMO DAS PALESTRAS	51
EMENTA DOS MINICURSOS.	54

APRESENTAÇÃO

O 1º Colóquio de Estudos Literários representa a implantação da segunda série de eventos de curta duração, criado, promovido e coordenado dentro das atividades do Grupo de Pesquisa Literaturas de Língua Portuguesa, da Fundação Universidade Federal de Rondônia. O COEL (assim como os CCLLP – Colóquios de Culturas e Literaturas de Língua Portuguesa) é uma atividade anual, com as suas reedições sempre na primeira semana de abril de cada ano e aberto a toda comunidade.

O COEL tem como intuito promover o intercâmbio de conhecimento e de resultados de pesquisas na área da crítica literária, visando, sobretudo, promover e divulgar o estudo crítico, comparativo, interdisciplinar dos aspectos culturais de séries literárias distintas, visando promover o contato entre professores e pesquisadores da/na região Norte, para que possam contribuir para o progresso dos estudos realizados no âmbito da Graduação (PIBID, PIBIC), da pós-graduação stricto sensu (nível de mestrado) e dos grupos de pesquisa da Região que desenvolvem investigação na área de Cultura, Artes, História, Estudos Literários, Estudos Comparados, Teoria da Literatura e Estudos Pós-coloniais.

A estrutura do COEL é composta de palestras, mesas redondas, oficinas e minicursos, podendo variar a cada ano, outra peculiaridade dessa proposta de atividade é a gratuidade do evento em todos os seus níveis, pelo fato de ser um evento institucional, a gratuidade implica numa atitude mais ecológica e autossustentada, sem a geração de brindes e acessórios quem em nada impactam a capacidade científica dos congressistas, com essa atitude as energias ficam voltadas para o debate acadêmico em todos os níveis.

O 1º Colóquio de Estudos Literários teve a sua realização nos dias 7 e 8 de abril de 2016, no Núcleo de Ciências Humanas da UNIR, na cidade de Porto Velho, estado de Rondônia. A sua abertura foi no auditório da Universidade Aberta do Brasil (UAB), sendo que após a palestra de abertura, as sessões de comunicação ocorreram simultaneamente no auditório da UAB e no auditório Paulo Freire, foram realizadas mais de 40 submissões de propostas de comunicação, dois minicursos e uma oficina. Resultado mais do que satisfatório para uma região isolada, resultado que esperamos manter para as próximas edições.

Programação do 1º COEL

Horário	Dia: 07/04 – 5ª feira	Local
08h15	<p>Conferências de abertura O TEOR FILOSÓFICO DO JORNALISMO LITERÁRIO DE MACHADO DE ASSIS Prof. Dr. Vitor Cei (LILIPO/UNIR) MACHADO DE ASSIS CRONISTA(S): PSEUDÔNIMOS OU HETERÔNIMOS? Prof. Me. Alex Sander Luiz Campos (IFNMG/UFMG) Mediação: Prof. Dr. Fernando Simplício (LILIPO/UNIR)</p>	Auditório da UAB
10h00	<p>1ª sessão: Literatura regional amazônica AMAZÔNIA COMO ESPAÇO SEDUTOR E TRANSFORMADOR Adriana Alves de Lima (UNIR) e Ariceneide O. da Silva (UNIR)</p> <p>ENTRE CONTOS E MITOS: AMAZÔNIAS E A POÉTICA DO IMAGINÁRIO Adriana Alves de Lima (UNIR) e Ariceneide O. da Silva (UNIR)</p> <p>“SPECULAE” E “RUMO À TERRA DO SEM-FIM”: UM RETRATO DA AMAZÔNIA EM DOIS CONTOS Ítalo Pereira Dutra (UNIR)</p> <p><i>ADÃO E EVA E A PAIXÃO DE AJURICABA: ANÁLISE COMPARATIVA DE DIFERENTES OBJETOS LATINO-AMERICANOS À LUZ DOS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS.</i> Taianne Rocha de Santana Fernandes (IFRO) e Larissa Gotti Pissinatti (UNIR) Coordenação: Eliana Sarmento</p>	Auditório da UAB
10h00	<p>2ª sessão: Literatura regional amazônica</p> <p>AS ATROCIDADES DO COLONIALISMO EM <i>O PARAÍSO DO DIABO</i>, DE WALTER HARDENBURG Maria Eliése Gurgel (UNIR)</p> <p>A (RE)ESCRITA – MEIO SÉCULO DEPOIS – DO PREFÁCIO DO ROMANCE <i>O ESPIÃO DO REI</i>, DE MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO Eliete Maria de Souza (UNIR)</p> <p>TERRA CAÍDA: AS RELAÇÕES ENTRE A NATUREZA E O CABOCLO RIBEIRINHO Wilson Junior R. Leal (UFAM) e Everton M. M. Castro (UFAM)</p> <p><i>GALVEZ, IMPERADOR DO ACRE</i> E SUA VERSÃO PARA A LÍNGUA INGLESA: ENTRE FICÇÃO E HISTÓRIA Tamara Afonso dos Santos (UFAC) Coordenação: Tamara Afonso dos Santos (UFAC)</p>	Auditório Paulo Freire
11h00	<p>3ª sessão: Literatura regional amazônica A TEMÁTICA NEGRA NA OBRA “MARAJÓ”, DE DALCÍDIO JUDANDIR Klivy Ferreira dos Reis (UFAM), Claudimar Paes de Almeida (UFAM) e Renato Sousa dos Santos Júnior (UFAM)</p> <p>O IMAGINÁRIO HISTÓRICO-LITERÁRIO NA REPRESENTAÇÃO DAS IDENTIDADES ACREANAS Suziane Alves de Farias (UFAC)</p> <p>PROBLEMAS DES(COBERTOS): UMA ANÁLISE DOS RELATOS DOS PROBLEMAS AMAZÔNICOS QUE A HISTÓRIA NÃO REGISTROU Nayara Maria Pessoa Lessa (UFAC)</p> <p>OS FIOS QUE TECEM AS NARRATIVAS ORAIS QUE COMPÕEM O IMAGINÁRIO DOS RIBEIRINHOS DO RIO MOA Maria Jeane Oliveira de Almeida (UFAC) Coordenação: Maria Jeane Oliveira de Almeida (UFAC)</p>	Auditório da UAB

11h00	<p>4ª sessão: Literaturas africanas PERFUMES AO VENTO: A BUSCA PELA ANCESTRALIDADE FEMININA EM <i>FILHAS DO VENTO</i>, DE DINA SALÚSTIO Emanuelly Mariana Trindade Guimarães (UNIR)</p> <p>A SIMBOLOGIA DO BRANCO NO POEMA “TROUXE AS FLORES”, DE ANA PAULA TAVARES Keily Martins Francisco (UNIR)</p> <p>DE FRUTAS, MULHERES, DESEJOS, ANSEIOS: <i>RITOS DE PASSAGEM</i>, DE ANA PAULA TAVARES Laíssa Pereira de Almeida (UNIR)</p> <p>A PRESENÇA DA LITERATURA FANTÁSTICA EM <i>MARGINAIS</i>, DE EVEL ROCHA Uryelton de Sousa Ferreira (UNIR) <i>Coordenação: Uryelton de Sousa Ferreira (LILIPO/UNIR)</i></p>	Auditório Paulo Freire
19h00	<p>Sarau de Letras <i>Coordenação: Prof. Dr. Vitor Cei (LILIPO/UNIR)</i></p>	Palácio Central
Horário	Dia: 08/04 – 6ª feira	Local
08h00	<p>5ª sessão: Literaturas africanas A HORA DI BAI NOS CONTOS: UMA HISTÓRIA ENTRE MUITAS, DE MARIA HELENA SPENCER E A TROCA, DE ONDINA FERREIRA Lisiane Oliveira e Lima Luiz (UNIR)</p> <p>REALIDADE E FICÇÃO EM TEMPOS DE VIOLÊNCIA: TEXTOS, CONTEXTOS E INTERTEXTOS EM CONTOS CONTEMPORÂNEOS José Flávio da Paz (UNIR)</p> <p>AS MULHERES QUE ILUSTRAM AS ESTÓRIAS DE LÍLIA MOMPLÉ Silvaneide da Silva Costa (USP) <i>Coordenação: Silvaneide da Silva Costa (USP)</i></p>	Auditório da UAB
08h00	<p>6ª sessão: Literatura brasileira UMA REFLEXÃO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE NOS CONTOS “TERÇA-FEIRA GORDA” E “SARGENTO GARCIA”, DE CAIO FERNANDO ABREU Klivy Ferreira dos Reis (UFAM), Claudimar Paes de Almeida (UFAM) Joanna da Silva (UFAM)</p> <p>CONSIDERAÇÕES SOBRE O ROMANCE <i>OPISANIE SWIATA</i>, DE VERÔNICA STIGGER Joama Silva Diniz (UNIR) e Karla Andrea Candido Rego Soares (UNIR)</p> <p>OS ESPAÇOS ENTRECORTADOS EM <i>MAR AZUL</i>, DE PALOMA VIDAL Karla Andrea Cândido Rêgo Soares (UNIR) e Joama Silva Diniz (UNIR)</p> <p>ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO LITERÁRIA EM <i>O INVENTÁRIO DAS COISAS AUSENTES</i>, DE CAROLA SAAVEDRA Taianni Rocha de Santana Fernandes (UNIR) e Larissa Gotti Pissinatti (UNIR) <i>Coordenação: Larissa Gotti Pissinatti (UNIR)</i></p>	Auditório Paulo Freire
09h00	<p>7ª sessão: Literatura brasileira ENTRE A CONQUISTA E A TRAGÉDIA: METÁFORAS REUNIDAS EM IRACEMA E SIMÁ NA COMPREENSÃO DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA Claudimar Paes de Almeida (UFAM), Joanna da Silva (UFAM) e Klivy Ferreira dos Reis (UFAM)</p> <p>A POESIA E INTERSIGNOS NA PROMOÇÃO DA INTERATIVIDADE POÉTICA BRASILEIRA José Flávio da Paz (UNIR)</p> <p>PELAS ENTRELINHAS DO PODER: RESISTÊNCIA EM “A SELVA”, DE FERREIRA DE CASTRO Rodrigo Anderson Machado Cavalcante (UNIR/SEDUC-AM) e Joanna da Silva (UFAM)</p> <p>A MULHER NO CONTEXTO SOCIOCULTURAL MADIJA Liberacy de Sousa Oliveira (UFAC) <i>Coordenação: Raquel Aparecida Dal Cortivo (UFAM/USP)</i></p>	Auditório da UAB

09h00	<p>8ª sessão: Leitura e literatura infanto-juvenil A RELAÇÃO DO ESPAÇO COMO CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE CULTURAL NO CONTO INFANTIL DE DAVID SANCHEZ JULIAO Néstor Raúl González Gutiérrez</p> <p>EDUCAÇÃO INFANTIL, LEITURA E LITERATURA: CONCEPÇÃO DO PROFESSOR SOBRE A FORMAÇÃO DE LEITORES Elizane Assis Nunes (UNIR), Josué José de Carvalho Filho (UNIR), Maria das Graças Souza (UNIR), Nair Ferreira Gurgel do Amaral (UNIR) e Tânia Suely Azevedo Brasileiro (UNIR).</p> <p>A LEITURA LITERÁRIA ENQUANTO FATOR DE INCLUSÃO: UMA AÇÃO SOCIAL PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA Carlos Roberto Wensing Ferreira.</p> <p>A LITERATURA INFANTIL E O DEBATE ANTIRRACISTA Claudimar Paes de Almeida (UFAM), Klivy Ferreira dos Reis (UFAM) e Joanna da Silva (UFAM) <i>Coordenação:</i> Joanna da Silva (UFAM)</p>	Auditório Paulo Freire
10h00	<p>9ª sessão: Literaturas de língua inglesa A <i>QUEDA DA CASA DE USHER</i>, DE EDGAR ALAN POE - TRANSPOSIÇÃO PARA A MÍDIA FÍLMICA: A POLÊMICA DA FIDELIDADE Renato S. dos Santos Júnior (UFAM) e Klivy F. dos Reis (UFAM)</p> <p>A MULHER ATRAVÉS DO OLHAR DO <i>NARRADOR BUKOWSKIANO</i>: A REPRESENTAÇÃO DO UNIVERSO FEMININO NA OBRA <i>ERECTIIONS, EJACULATIONS, EXHIBITIONS AND GENERAL TALES OF ORDINARY MADNESS</i>, DO AUTOR CHARLES BUKOWSKI Mariana Rissi Azevedo (UFAM)</p> <p>A RELAÇÃO BRASIL- CANADÁ NA OBRA DE PRISCILA UPPAL Paulo Eduardo Mendes Souza (UNIR) <i>Coordenação:</i> Fernando Simplício (LILIPO/UNIR)</p>	Auditório da UAB
10h00	<p>10ª sessão: Literatura portuguesa COMPARAÇÃO ENTRE O <i>AUTO DA BARCA DO INFERNO</i>, DE GIL VICENTE E O <i>AUTO DA COMPADECIDA</i>, DE ARIANO SUASSUNA Thayná Nogueira Lobato (UFAM)</p> <p>A BRASILEIRA DE PRAZINS: O PAPEL DA MULHER RETRATADO NA VISÃO DO ROMANTISMO Julcy Emanuella da Silva (UNIR) e Sandra S. Bresolin (UNIR)</p> <p>LÍRICO AMOROSO, O INÍCIO DA LITERATURA PORTUGUESA: “O AMIGO E A SENHOR FREMOSA” EM NUNO FERNANDES TORNEOL Ellen Cristina de Moura Nogueira (UFAM)</p> <p>O HUMANISMO E O <i>AUTO DA BARCA DO INFERNO</i>: A PRESERVAÇÃO DO HOMEM POR MEIO DO TEATRO ALEGÓRICO DE GIL VICENTE Jair dos Santos Rabelo Junior (UFAM) <i>Coordenação:</i> Carolina Lima (LILIPO/UNIR)</p>	Auditório Paulo Freire
11h00	<p>11ª sessão: Literaturas lusófonas A PARÓDIA DA CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA EM <i>POR MARES NUNCA DANTES</i> Maria Ludiana Pedroza Pinheiro (UNIR)</p> <p>COLONIZAÇÃO E DESCOLONIZAÇÃO EM <i>A SELVA</i>, DE FERREIRA DE CASTRO Quelmo da Silva Lins (UNIR) e Miguel Nenevé (UNIR)</p> <p>ANÁLISE SÓCIO CULTURAL DO CONTO “O LEÃO E O COELHO SALTITÃO”, DE ONDJAKI Adriele Santiago Moreira (UNIR)</p> <p>IZABEL PIMENTEL: CONFLITOS DE IDENTIDADE DA MULHER AMAZÔNICA NO CONTO A CALIGRAFIA DE DEUS, DE MÁRCIO SOUZA Everton Mateus Moura Castro (SEDUC-AM) e Joanna da Silva (SEDUC-AM) <i>Coordenação:</i> Lisiane Oliveira e Lima Luiz (LILIPO/UNIR)</p>	Auditório da UAB

14h00	Oficina UM CONVITE À LEITURA DAS CRÔNICAS MACHADIANAS Prof. Me. Alex Sander Luiz Campos (IFNMG/UFMG) [15 vagas]	Sala do LILIPO
14h00	Minicurso 1 A ARTE CONTEMPORÂNEA E OS LIMITES DA CRÍTICA Profa. Regina Sanches Xavier (UFMG) [50 vagas]	Auditório Paulo Freire
14h00	Minicurso 2 A PROSA MOÇAMBICANA DE LILIA MOMPLÉ E MIA COUTO Profa. Silvaneide da Silva Costa (USP) [50 vagas]	Auditório da UAB
14h00	Minicurso 3 NBR 6023: COMO ELABORAR REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS Ednelza Sarmento Garcia Gushiken	Sala 102 B1 2
17h00	Conferência de encerramento AA POESIA CABO-VERDIANA CONTEMPORÂNEA: CORSINO FORTES, ARMÊNIO VIEIRA E FILINTO ELÍSIO Profa. Me. Raquel Aparecida Dal Cortivo (FAPEAM/UFAM/USP) Mediação: Prof. Dr. Pedro Manoel Monteiro (LILIPO/UNIR)	Auditório do UAB



ÍNDICE DE AUTORES

COMUNICADORES

Adriana Alves de Lima e Ariceneide Oliveira da Silva (UNIR).....	13
Adriana Alves de Lima e Ariceneide Oliveira da Silva (UNIR).....	14
Adriele Santiago Moreira (UNIR).....	14
Carlos Roberto Wensing Ferreira (UNIR).....	15
Claudimar Paes de Almeida, Joanna da Silva e Klivy Ferreira dos Reis (UFAM).....	16
Eliete Maria de Souza (UNIR).....	17
Ellen Cristina de Moura Nogueira (UFAM).....	18
Elizane Assis Nunes, Josué José de Carvalho Filho, Maria das Graças Souza, Nair Ferreira Gurgel do Amaral (UNIR) e Tânia Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA).....	19
Emanuelly Mariana Trindade Guimarães (UNIR).....	20
Everton Mateus Moura Castro (SEDUC-AM) e Joanna da Silva (UFAM).....	21
Ítalo Pereira Dutra (UNIR).....	21
Jair dos Santos Rabelo Junior (UFAM).....	22
Joama Silva Diniz e Karla Andrea Candido Rego Soares (UNIR).....	23
Joanna da Silva (UFAM), Claudimar Paes de Almeida e Clivy Ferreira dos Reis (UFAM).....	24
José Flávio da Paz (UNIR).....	25
José Flávio da Paz (UNIR).....	26
Julcy Emanuella da Silva e Sandra Stephanovich Bresolin (UNIR).....	27
Karla Andrea Cândido Rêgo Soares e Joama Silva Diniz (UNIR).....	28
Keily Martins Francisco (UNIR).....	28

Klivy Ferreira dos Reis, Claudimar Paes de Almeida e Joanna da Silva (UFAM).....	29
Klivy Ferreira dos Reis, Claudimar Paes de Almeida e Renato S. dos Santos Jr (UFAM).....	30
Laíssa Pereira de Almeida (UNIR).....	31
Liberacy de Sousa Oliveira (UFAC).....	32
Lisiane Oliveira e Lima Luiz (UNIR).....	33
Maria Eliése Gurgel (UNIR).....	34
Maria Jeane Oliveira de Almeida (UFAC).....	35
Maria Ludiana Pedroza Pinheiro (UNIR).....	36
Mariana Rissi Azevedo (UFAM).....	37
Nayara Maria Pessoa Lessa (UFAC).....	38
Néstor Raúl González Gutiérrez (UNIMAR/UNIR).....	39
Paulo Eduardo Mendes Souza (UNIR).....	39
Quelmo da Silva Lins e Miguel Nenevé (UNIR).....	40
Renato Sousa dos Santos Júnior e Klivy Ferreira dos Reis (UFAM).....	41
Rodrigo Anderson Machado Cavalcante e Joanna da Silva (UNIR).....	42
Silvaneide da Silva Costa (USP).....	43
Suziane Alves de Farias (UFAC).....	44
Taianni Rocha de Santana Fernandes (IFRO) e Larissa Gotti Pissinatti (UNIR).....	45
Taianni Rocha de Santana Fernandes (IFRO) e Larissa Gotti Pissinatti (UNIR).....	46
Tamara Afonso dos Santos (UFAC).....	47
Thayná Nogueira Lobato (UFAM).....	48
Uilza Clemanci Alves dos Santos (UNIR).....	48
Uryelton de Sousa Ferreira (UNIR).....	50
Wilson Junior Rodrigues Leal (UFAM/UNIR).....	50

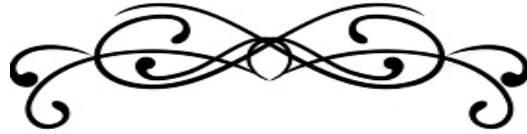
PALESTRAS

Alex Sander Luiz Campos (IFNMG/UFMG).....	52
Raquel Aparecida Dal Cortivo (FAPEAM/UFAM/USP).....	53
Vitor Cei Santos(UNIR).....	54

MINICURSOS

Alex Sander Luiz Campos (IFNMG/UFMG).....	55
Ednelza Sarmiento Garcia Gushiken(UFAM).....	55
Regina Sanches Xavier (UFMG).....	56
Silvaneide da Silva Costa (USP).....	57





RESUMOS

Adriana Alves de Lima e Ariceneide Oliveira da Silva (UNIR)

AMAZÔNIA COMO ESPAÇO SEDUTOR E TRANSFORMADOR

RESUMO: Neste trabalho intentamos realizar uma breve análise da representação do espaço amazônico no *corpus* composto de um romance de Miguel Jerônimo Ferrante (1920-2001) e outro de Abguar Bastos (1902-1995) que são respectivamente *Seringal* (1972) e *Safra* (1937). Para tanto, realizamos discussão sobre as narrativas. Desta forma, partimos do confronto entre o discurso da ficção da literatura amazônica, como são vistas as relações entre homem e natureza e como se dá a representação do espaço amazônico nas obras brasileiras. A obra de Abguar Bastos foi analisada a partir do drama da personagem Valentim - pequeno produtor - que só contava com sua força de trabalho juntamente com os habitantes pobres despossuídos de bens materiais lutava para sobreviver da produção da castanha na vila Coari, o que despertava grandes rivalidades entre os pequenos produtores e latifundiários e marca essa transição da ambientação rural para a ficção urbana que é a vila. A seguir foi analisada na obra de Miguel Ferrante a recuperação e a disputas pelos seringais no Acre, no auge do ciclo da borracha, mostrando os conflitos entre seringalistas e seringueiros e a configuração a Amazônia como um espaço mítico e de grandes disputas e leis próprias. Cada qual a seu modo, esses dois autores são romancistas da Amazônia, intérpretes desse espaço considerado exuberante, criadores que observam cada passo dos seus heróis mostrando a história da luta de cada um e os mistérios que o leitor tenta desvendá-los.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; espaço; seringal; vila.



Adriana Alves de Lima e Ariceneide Oliveira da Silva (UNIR)

ENTRE CONTOS E MITOS: AMAZÔNIAS E A POÉTICA DO IMAGINÁRIO

RESUMO: Este trabalho objetiva tecer algumas considerações sobre conceitos sobre as várias Amazônias. Parte, portanto, da relação entre identidade, imaginário, mito e linguagem. Carregam, assim, diferenciações, significações e nos mostra que existe diferentes culturas. Através da leitura *Caligrafia de Deus* de Márcio Souza (1994) observa-se que a narrativa produzida sobre a Amazônia, redesenha um modelo de identidade ideal, mesmo em um mundo em crise de identidade conforme Stuart Hall (2006), que colhe as penúrias porque passaram os povos agredidos por esses vislumbres de modernidade. O literato assume um papel privilegiado, colhe a matéria prima para depois transformá-la em obra literária e traz à tona tudo o que estava escondido e transfere o olhar não para heróis idealizados, mas escreve o homem amazônida – o sofredor, o descriminalizado, o marginalizado. Aqui para a análise da personagem índia Potira, figura importante observamos uma realidade puramente local, típica e que serve como espelho para compreender a imensidão de seu caráter social e imaginário. Foram realizadas as leituras de João de Jesus Paes Loureiro *Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário* (1995), Antonio Porro “*As crônicas do rio Amazonas*” (1992), Márcio Souza “*Caligrafia de Deus*” e “*Breve História da Amazônia*” (1994) e do conto *Baróava* (S/D).

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; linguagem; imaginário; mito.



Adrielle Santiago Moreira (UNIR)

ANÁLISE SÓCIO-CULTURAL DO CONTO O LEÃO E O COELHO SALTITÃO

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo analisar a abordagem da guerra por meio de um cenário fantástico que é por muitas vezes sangrento, tratando-se da literatura angolana, especificamente na obra do autor contemporâneo Ndalú de Almeida, popularmente conhecido como Ondjaki, em seu escrito *O leão e o Coelho Saltitão* (2008). A análise busca abordar a transmissão do conhecimento pelo simples exercício da fala, que criou o *corpus* de conhecimentos milenares, os quais foram repassados de geração a geração, e, assim, retratando grandes e pequenos acontecimentos, o que fez da oralidade o maior legado coletivo e individual das comunidades angolanas. Mielietinski, em *A Poética do Mito* p.334, diz-nos: “a civilização é resultado do trabalho social, de um desenvolvimento sócio e cultural (...), e não dos esforços de um indivíduo isolado”. O fantástico se constrói no conto pelo imaginário das crianças através da construção da narrativa que atribui características humanas aos animais da “Floresta Grande”, como a comunicação estabelecida entre o leão e o coelho, e todos os demais animais da floresta, através do ato de fala. A representação fictícia da narrativa se dá através do fantástico e do maravilhoso como interpretação do desenvolvimento do cotidiano, transmitido categoricamente pela representação das situações e do cenário em que se inserem os arquétipos do Leão (como rei da floresta), e o Coelho (como o animal mais esperto dela).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Africana; oralidade; fantástico e maravilhoso.



Carlos Roberto Wensing Ferreira (UNIR)

A LEITURA LITERÁRIA ENQUANTO FATOR DE INCLUSÃO: UMA AÇÃO SOCIAL PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA

RESUMO: Vivemos em uma sociedade globalizada em que o acesso à informação é extremamente necessário, mas, apesar de todo esse avanço, ainda assim, somos uma sociedade carente de informação, haja vista que o capitalismo, apesar de proporcionar riquezas (entre elas: a produção de

obras literárias, e difundi-las por meio de editoras, e-books, etc.) continua inacessível a boa parcela da sociedade, em especial aos de menor renda, e, desta forma, a escola se destaca como um dos instrumentos a proporcionar o acesso à leitura literária a esses indivíduos. A literatura destaca-se por estar diretamente vinculada aos anseios do indivíduo para com a sociedade e, sendo assim, proporciona ao indivíduo uma interação de forma crítica, permitindo-lhe interpretá-la, analisá-la dando-lhe autoconhecimento para adaptar-se às circunstâncias, formando laços sociais, quer seja, pela sua conjectura social, dando às pessoas oportunidades de discernir, de escolher novos caminhos, quer seja pelos seus compromissos sociais. Destaca-se por possibilitar o ato de educar para incluir, pois oportuniza o saber aos excluídos socialmente. Logo, é inevitável refletir sobre a literatura e sobre quais recursos ela utiliza para proporcionar o exercício da cidadania. Essa reflexão servirá para uma percepção do mundo em sua pluralidade e diversidade: quais suas contribuições para a inclusão do sujeito na sociedade? Como a literatura influencia a formação de sujeito? Que instrumentos a literatura utiliza para contribuir na construção da identidade social do sujeito? Sua atuação como instrumento político e social possibilita a apropriação da cidadania?

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; literatura; cidadania.



Claudimar Paes de Almeida, Joanna da Silva e Klivy Ferreira dos Reis (UFAM)

ENTRE A CONQUISTA E A TRAGÉDIA: METÁFORAS REUNIDAS EM *IRACEMA* E *SIMÁ*, NA COMPREENSÃO DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA

RESUMO: A literatura exerce um papel fundamental para a compreensão de vários contextos, sejam eles social, político ou cultural. Diante dessa questão, compreende-se que as obras literárias são aportes fundamentais para esclarecer o projeto identitário da nacionalidade brasileira. Nesse sentido, o trabalho tem como objetivo tecer considerações acerca do projeto literário brasileiro por meio da obra *Iracema*, de José de Alencar, publicada no ano de 1865, e o romance histórico contextualizado na região do Alto Amazonas, de autoria do escritor

baiano Lourenço da Silva Araújo Amazonas, publicado no ano de 1857, sob o título de *Simá* – como suporte para compreensão e representação metafórica da construção da identidade brasileira. A metodologia delineou-se em um levantamento bibliográfico, baseado em teóricos como: Candido (2002), Coutinho (2002), Gondim (1996), Oliveira (2008), Telles (2013) e Tufic (1982), que tratam do processo de projeto de nacionalismo brasileiro, entrementes e ligados ao movimento romancista e de sua contribuição para essa disseminação de cultura identitária nacional. Dessa forma, realizou-se uma análise no âmbito crítico-analítico das obras *Iracema* e *Simá* acerca do contexto histórico-cultural, no qual as mesmas se situam, entrelaçando falas, ações, atitudes e desfechos que exemplificam o processo de construção da identidade brasileira, confirmando, assim, a temática proposta e embasada nas falas dos teóricos.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade brasileira; Iracema; Simá.



Eliete Maria de Souza (UNIR)

**A (RE)ESCRITA – MEIO SÉCULO DEPOIS – DO PREFÁCIO DO ROMANCE *O
ESPIÃO DO REI*, DE MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO**

RESUMO: O trabalho realizado teve como objetivo analisar os prefácios do livro *O Espião do Rei*, de Mário Ypiranga Monteiro, precisamente dos anos de 1950 e 2000, tomando como eixo a intertextualidade na (re)escrita enquanto fio condutor para o segundo prefácio, e identificar as mudanças e as permanências em relação ao texto que o antecedeu, além das marcas e/ou propósitos que conduziram o autor a uma (re)escrita. Ao analisarmos os dois prefácios, pôde-se observar que o número de parágrafos se altera. O 1º prefácio inicia-se com *Certa vez*; já o 2º inicia-se com: *Chovia torrencialmente naquela manhã de Carnaval de 1935 e eu vogava liricamente pelos vinte e seis anos de idade*. Por atualizar os fatos, o escritor situa no 2º as inquietações vividas na cidade de Manaus, citando a *literatura amazonense a partir*

de 1922 – faz uma alusão à Semana de Arte Moderna; como também cita o romance de Eça de Queiroz *O Mistério da Estrada de Cintra*, por querer desmistificar o que havia escrito no prefácio de 1950 a respeito da motivação da escrita do romance *O Espião do Rei*. No primeiro, afirmou que encontrara manuscritos numa “tradicional família” e, no segundo, que se tratava de um “romance coletivo”, tal como fora feito por Eça de Queiroz. O escritor reinventa a motivação da escrita do romance, deixando o mágico, o inusitado para trás e dando ao leitor algo mais real; como ele mesmo diz, “Esta é a história da estória” (MONTEIRO, 2002, p.13). Conclui-se, assim, que os prefácios apresentados trazem em seu bojo o exercício da intertextualidade ao dialogar com outras obras/fontes. Para referida análise, utilizamos como aporte teórico Carvalhal (1992), Nitrini (2015), Perrone-Moisés (2005) Jenny (1979), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Prefácio; intertextualidade; reescrita.



Ellen Cristina de Moura Nogueira (UFAM)

LÍRICO AMOROSO, O INÍCIO DA LITERATURA PORTUGUESA: “O AMIGO E A SENHOR FREMOSA” EM NUNO FERNANDES TORNEOL

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo comparar duas cantigas de Nuno Fernandes Torneol, de modo a identificar as diferenças dentre as cantigas lírico-amorosas, conhecidas como cantigas de amigo e cantigas de amor, presentes nesse autor e fortes no Trovadorismo. Sabe-se que esse movimento foi um marco inicial na Literatura Portuguesa, em que as obras eram escritas e cantadas ainda no registro galaico-português, tendo por isso um maior alcance de público, sobretudo as cantigas de amigo, de raízes populares. Pode-se observar nas cantigas de Nuno Fernandes Torneol que ele aborda o amor sutil e submisso de um cavaleiro a uma dama inacessível e o amor natural e puro de uma simples moça a um rapaz, os quais revelam duas visões do amor, cristalizadas em duas formas de cantiga. Ao mesmo tempo, apesar das diferentes visões, verifica-se no trovador uma simplicidade do tema abordado,

revelando o cotidiano dos encontros e desencontros amorosos, ocorridos na época em questão. Chegou-se a partir da análise comparativa à descrição das qualidades do escritor e de sua poesia, ligadas às convenções do momento literário e de suas particularidades quanto um trovador bastante profícuo. Para tal análise, utilizou-se como aporte teórico MOISÉS (2006), LOPES & SARAIVA (2005), ABDALA JR. & PASCHOALIN (1990), SPINA (2006).

PALAVRAS-CHAVE: Trovadorismo; Nuno Fernandes Torneol; cantigas líricas e amorosas.



Elizane Assis Nunes (UNIR), Josué José de Carvalho Filho (UNIR), Maria das Graças Souza (UNIR), Nair Ferreira Gurgel do Amaral (UNIR) e Tânia Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA).

EDUCAÇÃO INFANTIL, LEITURA E LITERATURA: CONCEPÇÃO DO PROFESSOR SOBRE A FORMAÇÃO DE LEITORES

RESUMO: Durante muitas décadas, a Educação Infantil foi considerada uma prática familiar ou mesmo assistencialista. Pode parecer estranho, mas os caminhos da Educação Infantil ocorreram a partir de visões preconceituosas, uma educação compensatória para atender os desfavorecidos socialmente. Em virtude disso, o que se observa, por diversas vezes, são professores que desqualificam esse nível escolar e priorizam apenas o cuidado, esquecendo-se do educar. Já é tempo desse tipo de proposta educacional ser superada e, conseqüentemente, o uso da literatura vir a ser uma das ferramentas recorrentes da aprendizagem escolar acerca do desenvolvimento do hábito da leitura em crianças de 0 a 5 anos. Dessa forma, a problemática desse trabalho é a seguinte: quais são as possibilidades em formar crianças leitoras no cotidiano das salas de aula da Educação Infantil. Nosso objetivo é analisar a concepção de professores em relação à possibilidade de formar leitores desde a Educação Infantil. A metodologia de estudo foi qualitativa, descritiva de estudo de campo. Nas considerações finais, notamos que existem diversas e oportunas possibilidades de formar leitores na

Educação Infantil, desde que haja uma concepção do professor que seja favorável para essa missão como proposta educacional.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; leitura; literatura; proposta educacional.



Emanuely Mariana Trindade Guimarães (UNIR)

**PERFUMES AO VENTO: A BUSCA PELA ANCESTRALIDADE FEMININA NA
OBRA *FILHAS DO VENTO*, DE DINA SALÚSTIO**

RESUMO: O romance intitulado *Filhas do Vento* é de autoria da escritora Dina Salústio, a qual é nascida em Cabo Verde, na Ilha de Santo Antão, com o nome de Bernardina de Oliveira Salústio. A autora do romance retrata a história do encontro entre Susana Vales, uma perfumista de sucesso, e sua ancestral, uma milenária avó, num cenário cheio de mistérios, constituído por mulheres, as quais têm um dever a cumprir. De acordo com Braga (2013, p.15), na obra *Filhas do Vento*, “a festa de lançamento do perfume Winds causa o encontro de mulheres com histórias de vidas diversas, nas quais as fragilidades humanas, como o abandono de um filho e a traição amorosa ganham destaque”. Tais temas serão abordados ao longo do trabalho, assim como o papel da mulher na sociedade. O simbolismo está presente em toda a obra, e, por meios de aromas e de cores, o romance leva o leitor a fazer uma viagem para um mundo de sensações, no qual se busca um ancestral feminino, algo que remeta à memória de um povo, que confirme sua identidade, reconstrua sua história. Sendo assim, a simbologia do vento está presente em toda a obra, como a responsável pela memória e resgate da história das mulheres cabo-verdianas.

PALAVRAS-CHAVE: Vento; perfume; feminino; memória; identidade.



Everton Mateus Moura Castro (SEDUC-AM) e Joanna da Silva (SEDUC-AM)

**IZABEL PIMENTEL: CONFLITOS DE IDENTIDADE DA MULHER AMAZÔNICA
NO CONTO “A CALIGRAFIA DE DEUS”, DE MÁRCIO SOUZA**

RESUMO: O presente trabalho propõe o estudo do conto “A Caligrafia de Deus” (1993), de Márcio Souza, sobre o qual se objetiva analisar os conflitos de identidade e a representação social da mulher amazônica, inserida nos moldes da modernização da sociedade manauara pós-ciclo da borracha, precedida pela implantação da Zona Franca de Manaus. Da leitura da narrativa, é possível perceber os conflitos e questionamentos sociais e psicológicos sobre os quais se constrói a personalidade da personagem Izabel Pimentel, diante dos processos de identificação frente à sua condição como mulher e sujeito social. Izabel, como personagem principal dessa análise, fará um caminho de perda e construção de sua personalidade, ao passo que busca a afirmação de sua identidade. Desta forma, analisaremos o perfil de Izabel para que possamos compreender como foi feita a construção da figura da mulher amazônica da década de 70, sob a visão do autor, e como ele constrói a personificação identitária da cabocla amazônica frente às convenções sociais e culturais da Manaus do século XX. Para esta análise, foi necessário o levantamento bibliográfico de cunho teórico e crítico que abordasse a temática aqui proposta, baseando-nos em autores como Beauvoir (1980), Cândido (2000), Costa (2005), Gondim (2007), Hall (2005), Souza (1978) e (2009), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher Amazônica; identidade; “A Caligrafia de Deus”.



Ítalo Pereira Dutra (UNIR)

**“SPECULAE” E “RUMO À TERRA DO SEM-FIM”: UM RETRATO DA
AMAZÔNIA EM DOIS CONTOS**

RESUMO: Os contos “Speculae” e “Rumo à terra do Sem-fim”, ambos inclusos na obra *Gaivotas* (2015), do escritor e professor universitário Hélio Rocha, são baseados nos relatos de viagem de estrangeiros à Amazônia. O primeiro foi produzido a partir da obra *O mar e a selva*, do jornalista britânico, Henry Major Tomlinson, e o segundo, da obra *The road to Extrema*, do jornalista nova-iorquino, Bob Reiss. Os contos narram as passagens dos viajantes pelas terras amazônicas em épocas distintas do século XX. Henry Major Tomlinson, em 1910, visitou a Estrada de Ferro Madeira Mamoré e escreveu o relato da viagem. Bob Reiss, em 1988, percorreu a BR-364 sentido Acre, rumo ao distrito de Extrema, e mostrou ao mundo o descuido do homem com a floresta amazônica. Neste artigo, pretendemos fazer um estudo comparativo entre os dois contos pelo viés pós-colonialista, mostrando o interesse dessas expedições e viagens à Amazônia brasileira, e como foi criada a imagem do homem amazônida pelos dois jornalistas em épocas diferentes, ou seja, 1910 e 1988.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônida; estrangeiro; pós-colonialismo.



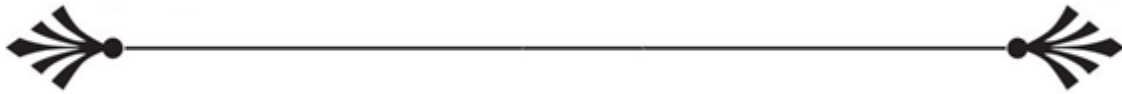
Jair dos Santos Rabelo Junior (UFAM)

**O HUMANISMO E O *AUTO DA BARCA DO INFERNO*: A PRESERVAÇÃO DO
HOMEM POR MEIO DO TEATRO ALEGÓRICO DE GIL VICENTE**

RESUMO: A ideia de valorização do espírito humano já havia sido consolidada no período do Trovadorismo. Sua essência, isto é, aspectos culturais e filosóficos refletiram significativamente na poesia, mas somente no período designando Humanismo intensificou de um modo em que buscou a valorização e preservação do homem em vários aspectos, principalmente pela religião católica. O “*Auto da Barca do Inferno*” de Gil Vicente abordou esses ideais, o homem passou a ser o centro do universo, e esse tema também obteve bastante reflexão nas obras literárias da época. O teatro Vicentino tinha como principal característica a alegoria, exposição de pensamentos e símbolos através dos personagens típicos do cenário

atual. A grande relação entre O “*Auto da Barca do Inferno*” e o Humanismo está encadeada em todos os fatores, sendo o teatro em apenas um ato, na qual tem como tema principal o juízo das almas que acabam de chegar em uma espécie de porto, simbolizando o purgatório, e, por meio deste único ato, as ações consideradas pecaminosas pela igreja católica eram materializadas pelos personagens em que tinham como objetivo principal informar as pessoas sobre o risco que se tinha ao cometê-las. O objetivo deste estudo é analisar o auto e determinar uma possível relação de cada personagem deste cenário com o ato de preservação humanista mediante a fé católica.

PALAVRAS-CHAVE: Humanismo; valorização; Gil Vicente.



Joama Silva Diniz (UNIR) e Karla Andrea Candido Rego Soares (UNIR)

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ROMANCE *OPISANIE SWIATA*, DE VERÔNICA STIGGER

RESUMO: Este trabalho apresenta considerações acerca do romance *Opisanie Swiata* de Verônica Stigger pelo viés da contemporaneidade e do conceito da *Nova Literatura Brasileira Contemporânea*, no qual está inserido. A partir de então, analisamos a elaboração complexa da obra por intermédio desse conceito. O escopo deste trabalho consiste em examinar as possibilidades de construção da narrativa do romance de forma distinta da linguagem tradicional aplicada ao gênero literário, em consenso com o pensamento de autores que discorreram sobre o contemporâneo e como este está ou não presente na construção do livro, em conjunto com a constituição da obra: o discurso literário, a biografia da autora e o enredo. O olhar sobre a literatura brasileira contemporânea produzida no livro nos permite redescobrir novas formas e possibilidades de escrita. Experimentalismo, ideologia, relato de viagem e irreverência são algumas das características dessa literatura contemporânea que no romance aparece ainda com a junção de elementos de outras artes como a fotografia, a publicidade e o

cinema, confirmando uma tendência de amalgamação de elementos para as produções do gênero. Nesse sentido, a autora vai apresentar esses traços durante a construção de sua narrativa, assim como outros autores dessa geração – que também se destacam pela forma como seus trabalhos estão apresentados no cenário mercadológico.

PALAVRAS-CHAVE: Romance; literatura; contemporâneo; Verônica Stigger.



Joanna da Silva (UFAM), Claudimar Paes de Almeida (UFAM) e Clivy Ferreira dos Reis (UFAM)

A LITERATURA INFANTIL E O DEBATE ANTIRRACISTA

RESUMO: A partir do texto literário torna-se possível abordar os mais diversos (e complexos) temas que se fazem presentes em nosso meio social. Herdado de uma sociedade tradicional, que impunha valores baseados na imposição da força e do poder, o racismo tornou-se um dos temas mais discutidos na atualidade, devido à política de inclusão social e ao respeito à diversidade sociocultural, cuja finalidade é combater o preconceito e a injustiça social que ainda permanece encrustada em nossa sociedade; e também reconhecer e valorizar o legado sociocultural do negro na formação da identidade do povo brasileiro. Assim, a literatura afro-brasileira torna-se um importante suporte metodológico para fundamentar esta discussão junto ao público infantil. O texto “Pretinha de neve e os sete gigantes”, de autoria de Rubem Filho (2009), exemplifica esta questão por se tratar de um texto atualizado que se contrapõe ao modelo estereotipado das princesas brancas, geralmente presentes nos contos tradicionais. “Pretinha de Neve” é uma princesa negra, alegre e questionadora que figura como personagem principal do enredo. No decorrer da narrativa, através de sua fala e ações, são inseridos elementos e valores da Cultura Africana que subsidiam o debate e reflexão a respeito da desconstrução do pensamento racista entre as crianças. Dessa forma, o presente

trabalho tem como objetivo discutir a temática do preconceito racial junto ao público infantil e em nossa sociedade. Para tanto, buscamos apoio teórico em autores como Abramovich (2009), Candido (1995), Coelho (2009), PCNs (2002), entre outros. A metodologia utilizada interpõe o texto literário infantil como mediador na construção do pensamento crítico e consciente em relação à diversidade sociocultural brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil; diversidade sociocultural; debate antirracista.



José Flávio da Paz (UNIR)

A POESIA INTERSIGNOS NA PROMOÇÃO DA INTERATIVIDADE POÉTICA BRASILEIRA

RESUMO: A proposta desta comunicação é apresentar os resultados de uma pesquisa, cuja metodologia aplicada foi a quantitativa, desenvolvida junto aos acadêmicos do primeiro semestre dos cursos de humanas e exatas de uma IES de Porto Velho-RO, de modo a compreender a sua apreciação à linguagem poética intersígnica ou verbivocovisuais. Igualmente, apresentar e investigar as demais variantes da poesia, como a poesia fonética, sonora, performática, digital e visual, difundidas através do movimento da poesia concreta, iniciado pelos poetas Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari na década de 50 e até, mais recentemente, a proposição de poesias intersignos de Philadelpho Menezes. A pesquisa consistiu da apresentação de poemas impressos, caracterizados como poemas concretos e sonoros e/ou musicados. Seguido a solicitação da leitura de imagem, de objetos, de alguns vídeos poemas e de outros postados e criados nas redes sócias conectadas à internet. Ao término das exposições, foi solicitado que respondessem a um questionário sobre as produções verbivocovisuais, cujos resultados foram deveras importantes para a solidificação do Movimento da Poesia Verbivocovisual na contemporaneidade. A partir desses resultados, poderão surgir iniciativas de promoção dessa arte-poética que carecerão de ser implantadas e

implementadas, objetivando a maior e melhor leitura e interpretação, embora seja de crucial importância a consideração por/de todo arcabouço intersubjetivo que cada cidadão carrega consigo.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia concreta; poesia verbivocovisual; semiótica literária; Estética da Recepção; Philadelpho Menezes.



José Flávio da Paz (UNIR)

REALIDADE E FICÇÃO EM TEMPOS DE VIOLÊNCIA: TEXTOS, CONTEXTOS E INTERTEXTOS EM CONTOS CONTEMPORÂNEOS

RESUMO: O presente trabalho contempla os estudos das categorias de pessoa, espaço e tempo nos textos dos autores: Conceição Evaristo, Mia Couto e Rosário Ngunza, a partir das premissas dos Estudos Comparados dos contos “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, “Os olhos dos mortos” e “Na noite do tic-tac”, respectivamente. O objetivo é analisar os textos selecionados como *corpus* básico da presente pesquisa, a partir das intertextualidades que se configuram em torno do tema comum – ocorrências de mortes violentas, que se desdobram em motivos recorrentes da violência em diversos ambientes: no âmbito social, na família e à surdina e clandestinidade. Para consecução de tal propósito, serão estudados textos e contextos nos quais se desenrolam a diegese; as estratégias discursivas e as características formais dos textos; o papel do leitor como parceiro do diálogo com o narrador e com aspectos estruturais, como: narração, focalização, personagens, tempo e espaço. Serão, portanto, aspectos dos Estudos Culturais, da Estética da Recepção e das concepções de textos, textualidade, contextos e intertextos, sobre os quais versam os teóricos contemporâneos: Greimas & Fontanille (1993); Bertrand; Flory (2005 e 2012); Flory & Moreira (2006) e outros; além de elucidar temas concernentes aos processos de violências sociais e psicológicas que nos conduzem a verdadeiros estados de choque, da ausência dos princípios dos direitos

humanos e a presença do terrorismo que ameaça a todos, especialmente mulheres e crianças, tratadas nas narrativas ficcionais dos autores supracitados.

PALAVRAS-CHAVE: Estética da Recepção; Estudos Culturais; Estudos Comparados das Literaturas de Língua Portuguesa; Conceição Evaristo; Rosário Ngunza; Mia Couto.



Julcy Emanuella da Silva e Sandra Stephanovichi Bresolin (UNIR)

A BRASILEIRA DE PRAZINS: O PAPEL DA MULHER RETRATADO NA VISÃO DO ROMANTISMO

Resumo: O presente artigo busca analisar o papel da Mulher na obra: *Brasileira de Prazins*, escrita por Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco. Retrata a situação em que a mulher era vista como moeda de troca. A obra pertence ao segundo período do romantismo, em que a imagem feminina é associada à fragilidade, submissão, e é idealizada como um ser inalcançável. No entanto, destaca-se, no decorrer da obra, a predominância da mulher como mercadoria, tendo seus direitos totalmente cerceados. Não obstante, é o fato de Marta ter sido vendida ao tio Feliciano pelo próprio pai, Simeão, sendo tratada como objeto de troca e animal. A vida da protagonista foi marcada por diversos conflitos: um triângulo amoroso, vivido entre Zeferino, José Dias e Marta; o fato de ser negociada pelo pai; o casamento arranjado e incestuoso; além de tudo tem sua imagem deturpada, que a leva à loucura. A metodologia utilizada na análise foi à comparativa, através de recortes entre os elementos que mesclam o Romantismo e o Realismo, que mostram que as mulheres, mesmo tendo seus direitos garantidos em lei, ainda acabam se deparando com situações de submissão, cárcere privado e preconceito profissional. Assim é constituída a obra *Brasileira de Prazins*, retratando a mais penosa realidade da mulher, mas ainda de forma romantizada.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher-Objeto; Romantismo; direito da mulher.

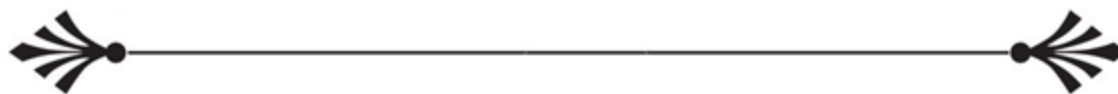


Karla Andrea Cândido Rêgo Soares e Joama Silva Diniz (UNIR)

OS ESPAÇOS ENTRECORTADOS EM *MAR AZUL* DE PALOMA VIDAL

RESUMO: Esse artigo apresenta elementos do livro de Paloma Vidal *Mar Azul*, a obra destaca-se na literatura contemporânea por ser uma narrativa bem intimista, com constantes trânsitos literários e narração em 1ª pessoa. Nesse livro, a autora Paloma Vidal destaca um constante deslocamento da personagem do romance por entre espaços da sua casa, da sua memória e das viagens feitas junto a seu pai. A estrangeira num país tão próximo, mas tão distante ao mesmo tempo, busca escrever uma autobiografia da sua vida e da sua busca desenfreada pelo pai. Essas memórias e esse desejo de decifrar a ausência do pai são expressas pela personagem através de suas escritas no verso do diário do pai e nesses momentos que ela transita entre seu corpo imaginado e seu corpo físico. Assim, ela percebe que esses já não possuem a mesma sagacidade de outros momentos de sua vida.

PALAVRAS-CHAVE: Espaços; memórias; literatura.



Keily Martins Francisco (UNIR)

**A SIMBOLOGIA DO BRANCO NO POEMA “TROUXE AS FLORES”, DE ANA
PAULA TAVARES**

RESUMO: “Trouxe as flores” é um poema presente no livro *Poesia* (2004), da escritora angolana Ana Paula Tavares. Tal obra é a junção de dois livros da escritora, sendo eles: *Ex-votos* e *Dizes-me coisas amargas como os frutos*. Trata-se de um poema com um eu - lírico do sexo feminino que conversa com sua mãe. Nessa conversa, ela afirma ter trazido várias coisas, porém nada é branco, puro ou claro. A repetição constante dessa cor faz com que reflitamos sobre a simbologia que essa cor traz para o poema e para nossos dias: Por que só o que é branco, é bom, é válido? Que simbologia traz essa cor, em especial, para e sobre a mulher? Levando em consideração esses questionamentos procederemos à análise do poema. Faremos a análise simbólica do poema, valendo-nos do *Dicionário ilustrado de símbolos* (1993), de Hans Biedermann; abordaremos a posição que a sociedade cobra da mulher, tendo como base nas teorias de Simone de Beauvoir e Michelle Perrot, respectivamente; trataremos ainda da poesia de resistência com base na obra *O ser e o tempo da poesia* (1977), de Alfredo Bosi. Enfim, com base nessas teorias, discutiremos temas como a pureza desde sempre cobrada da mulher e a repressão que ela sofre com relação à sua sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura feminina; poesia; literatura angolana; simbologia;
Ana Paula Tavares.



Klivy Ferreira dos Reis , Claudimar Paes de Almeida e Joanna da Silva (UFAM)

UMA REFLEXÃO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE NOS CONTOS “TERÇA-FEIRA GORDA” E “SARGENTO GARCIA”, DE CAIO FERNANDO ABREU

RESUMO: A sexualidade é uma temática muito presente nos contos do escritor Caio Fernando Abreu, pois esta é delineada de forma rica por permitir uma leitura da homossexualidade nos anos finais da Ditadura Militar – período em que se vivia numa sociedade completamente presa a valores éticos e morais conservadores, restringindo assim qualquer forma de expressão da liberdade e dos sentimentos privados. Para compreendermos

melhor sobre a homossexualidade explícita na obra *Morangos Mofados* (1982) do autor supracitado, objetivamos fazer uma contextualização da temática homoerótica encontrada nos contos *Terça-feira gorda* e *Sargento Garcia*, verificando de que forma o uso da linguagem coloquial e de caráter erótico afigura-se como afrontamento à sociedade da época. A linguagem presente nos contos *Terça-feira gorda* e *Sargento Garcia* é uma arma capaz de criticar o comportamento da sociedade tradicional, por meio da literatura, utilizando a linguagem homoerótica: “O mamilo duro dele na minha boca, a cabeça dura do meu pau dentro da mão dele” (Abreu, 2005, p. 59). Nesse sentido, como suporte teórico para discussão, optamos por, Abreu (2005), Barcellos (2006), Bonnici (2007), Gotlib (2006), Moraes & Simon (2010), Zolin (2003), entre outros autores – os quais fundamentam os aspectos abordados na temática apresentada, atingindo, dessa forma, o objetivo proposto pelo trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade; linguagem homoerótica; literatura; sexualidade.



**Klivy Ferreira dos Reis , Claudimar Paes de Almeida e Renato Sousa dos Santos Júnior
(UFAM)**

A TEMÁTICA NEGRA NA OBRA *MARAJÓ*, DE DALCÍDIO JUDANDIR

RESUMO: A questão negra é uma temática muito recorrente no romance *Marajó* (1947), de Dalcídio Jurandir, e, por meio desta, percebemos representação da realidade, vivenciada pelos negros no início do século XX, na Ilha de Marajó, na região Norte do Brasil. Para entendermos melhor a respeito dessas questões, objetivamos fazer uma reflexão crítica a respeito da submissão das camadas negras dentro da narrativa dalcidiana, como destaque temos Nhá Benedita e Nhá Felismina, que simbolizam uma humanidade submissa a interesses individuais. Já o pequeno Missunga, protagonista do romance, não compartilha da passividade e do sofrimento dos negros, pois era filho do Coronel Coutinho e ao longo da narrativa o

mesmo vai se personificando nas atitudes do pai. Entretanto, Dalcídio Jurandir, por meio do nome Missunga, tece uma crítica à ideologia branca, vigente na região, ao colocar em evidência um protagonista com nome de origem africana, para incomodar a estrutura social dominante daquela época e valorizar as contribuições africanas e indígenas na formação cultural da população marajoara. Neste contexto, vemos como se dava a intervenção cruel da igreja junto à população negra e indígena, por meio das ações inescrupulosas dos frades ligados à empresa colonizadora, que “amarravam os escravos [...] no tronco espinhento do tucumãzeiro e caçavam índio como se caça onça” (MARAJÓ, 2008, p.367). Assim, para subsidiar a discussão aqui apresentada, buscamos apoio teórico em autores como Castro (1989), Gondim (2009), Nunes (2006), entre outros, cuja produção crítica e literária discute aspectos relacionados à presença negra no contexto amazônico.

PALAVRAS-CHAVE: Temática negra; Marajó; crítica social.



Laíssa Pereira de Almeida (UNIR)

DE FRUTAS, MULHERES, DESEJOS, ANSEIOS: RITOS DE PASSAGEM DE ANA PAULA TAVARES

RESUMO: Neste trabalho, analisamos a presença das mulheres e sua relação com a terra, tão presente na obra *Ritos de passagem*, da escritora angolana Ana Paula Tavares. É possível perceber a busca por liberdade dessas mulheres e a construção de suas identidades em um momento que o país também está se consolidando, após quatorze anos lutando por independência e, juntos, vão reconstruir a Angola – que é cenário das poesias de Ana Paula Tavares. Iremos analisar especialmente os poemas “Cerimônia de passagem”, “Colheitas”, “A abóbora menina” e “O amor impossível”. A escritora desafia e quebra paradigmas de uma sociedade extremamente patriarcal e machista; dá espaço para que essas mulheres se façam ouvir e se reconstruam, propondo-nos uma visão de quão subjugadas pela sociedade patriarcal são essas mulheres, não por não haver a resistência delas, mas porque lhes é tirado os espaços.

São forçadas a se submeter à dominação masculina, tendo como papel principal e único serem mães e esposas dedicadas. Ana Paula Tavares, em sua obra, mostra a libertação que as mulheres angolanas buscam. A “estrutura diagramática da obra se revela, a nossos olhos, como corpo, e corpo de mulher. Ouve-se o grito calado. Rompe-se o silêncio. A diferença se diz” (PADILHA, 2002, p. 195). Não há padrão, não há exigência, há apenas a liberdade. Assim é constituído *Ritos de passagem*, com leveza e desejo de libertação, seja na escrita, seja na vida.

PALAVRAS-CHAVE: Angola; poesia; gênero.



Liberacy de Sousa Oliveira (UFAC)

A MULHER NO CONTEXTO SOCIOCULTURAL MADIJA

RESUMO: Falar da participação da mulher na história não é algo tão simples. No caso da mulher indígena, torna-se ainda mais complexo, porque esse sujeito histórico não pode ser analisado e muito menos observado a partir dos conceitos e criações gerais da história dos colonizadores, a partir de um olhar constituído de conceitos etnocêntricos. A população indígena tem sua organização social e cultural diferenciada, tem sua identidade, construída por discursos próprios, internos e externos, nas interações sociais. O universo sociocultural indígena tem como base a resistência política, a preservação da língua, dos costumes, dos mitos, dos rituais e de outros componentes culturais. Não se pode separar realidade e mitos, cultural e religioso, social e econômico – todos os aspectos estão entrelaçados no dia-a-dia. Não se pode compreender a organização cultural e social de um povo sem entender as relações sociais, nas quais se definem as suas relações culturais de gênero. A organização indígena é diferenciada, e a partir dessas diferenças que a referida pesquisa desenvolverá de maneira sucinta o papel da Mulher Madija (Kulina) no aspecto cultural de seu povo.

Contextualizará a história do Povo Madija para uma maior compreensão da presença da mulher no fortalecimento cultural do seu povo.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Indígena; Identidade Madija; Povo Madija; mulher Madija; resistência.



Lisiane Oliveira e Lima Luiz (UNIR)

A HORA DI BAI NOS CONTOS “UMA HISTÓRIA ENTRE MUITAS”, DE MARIA HELENA SPENCER, E “ A TROCA”, DE ONDINA FERREIRA.

RESUMO: O trabalho propõe-se a analisar dois contos das autoras cabo-verdianas: Maria Helena Spencer e Ondina Ferreira, em que possuem uma temática que se aproximam: *A hora di bai*, “A hora da separação”. De acordo com Manuel Ferreira (1972), a hora da separação constitui o drama crioulo. O tema emigração é recorrente na Literatura cabo-verdiana, pois em razão das secas sazonais que assolam Cabo Verde, da infertilidade da terra, fome e alta taxa de mortalidade que são acentuadas nas épocas de seca há um grande número de deslocamento tanto entre ilhas, como para outros continentes, a fim de lutar pela sobrevivência e pela família. Para Hernandez (2002), as dificuldades econômicas no arquipélago são tão grandes que em certo sentido a saída dos cabo-verdianos para outros países não pode ser considerada uma emigração espontânea. Nos contos, personagens femininas decidem partir de Cabo Verde em busca de sobrevivência em decorrência da seca e da fome. São mulheres que sofrem, lutam, não desistem de viver diante de tantas tragédias familiares. Desse modo, o objetivo desse artigo é analisar os contos “Uma história entre muitas”, de Maria Helena Spencer, e o conto “A troca”, de Ondina Ferreira, apontando o comportamento das personagens femininas diante do drama da *hora di bai*: uma história que se repete entre muitas.

PALAVRAS-CHAVE: *A hora di bai*; contos; mulheres.



Maria Eliése Gurgel (UNIR)

**AS ATROCIDADES DO COLONIALISMO EM *O PARAÍSO DO DIABO*, DE
WALTER HARDENBURG**

RESUMO: *The Devil's Paradise* é um relato de viagem e testemunho das atrocidades do colonialismo na Amazônia peruana, cometidas pela Peruvian Amazon Company (PAC) contra os povos indígenas da região na primeira década do século XX. O autor e testemunha ocular é o norte-americano Walter Ernest Hardenburg (1886-1942), que denuncia as atrocidades cometidas pelos funcionários dessa empresa britânica, com sede em Londres/Inglaterra e Iquitos, no Peru. Meu objetivo nesta apresentação é analisar as denúncias das atrocidades cometidas contra os índios da região do rio Putumayo, na tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru, nos idos de 1907, utilizando para isso algumas noções advindas dos Estudos Pós-Coloniais, em especial os conceitos de zona de contato (Mary Pratt); colonizado e colonizador (Edward Said); estereótipo e negociação (Homi Bhabha); violência e negação (Frantz Fanon); poder e discurso (Foucault), pois no livro existe relatos de atrocidades terríveis, um verdadeiro abuso de poder por parte dos empregados dessa empresa, a Peruvian Amazon Company. E três personagens foram de suma importância para denunciar as atrocidades do Putumayo. O jornalista peruano, Saldaña Rocca, que foi o 1º a escrever sobre o assunto, como editor do La Felpa, jornal da cidade de Iquitos, esse jornalista publicou muitos artigos sobre os assassinatos dos índios Huitoto, Bora, Andoke e Muinane. Walter Hardenburg, que teve seus pertences confiscados por essa companhia e por pouco escapou com vida e o cônsul britânico Roger Casment, que foi enviado pela sede da companhia em Londres para investigar os ocorridos no Putumayo. Casment já havia trabalhado no Brasil: em Santos, Rio de Janeiro e Belém do Pará, também trabalhou na Associação Internacional do Congo e foi nessa época que despertou para os males que a colonização pode fazer ao ser humano.

PALAVRAS-CHAVE: Relato de viagem; atrocidades; estudos pós-coloniais.



Maria Jeane Oliveira de Almeida (UFAC)

**OS FIOS QUE TECEM AS NARRATIVAS ORAIS QUE COMPÕEM O
IMAGINÁRIO DOS RIBEIRINHOS QUE RESIDEM ÀS MARGENS DO RIO MOA**

RESUMO: Este trabalho visa estudar o contexto da floresta amazônica considerando aspectos próprios da sua paisagem: dos rios que a cortam e através dos quais se desenham as saídas físicas e as soluções à organização da vida no interior da mata, através de seus varadouros construídos como escape pelos/para os homens da floresta, permitindo a aproximação física das comunidades ribeirinhas com as cidades e suas invenções. Não se pode ignorar que são essas invenções e criações que permitem a experiência de um jeito de viver, com sentidos e representações que norteiam e sustentam o imaginário particular, tanto numa perspectiva de como os povos da floresta se enxergam, quanto na maneira pela qual são vistos de fora para dentro. Assim, mergulharemos em um estudo que visa retratar as narrativas dos moradores da região das áreas rurais que usam o rio Moa como via de acesso à área urbana, tendo função de conectar floresta e cidade no município de Mâncio Lima, unindo os fios que tecem imagens, sentidos e narrativas orais que compõem o imaginário dos ribeirinhos residentes às margens desses rios. Verificamos que ainda se encontram pessoas que usam da antiga arte de contar, que cultuam o dizer, a oralidade. A mesma oralidade que sedimentou a história, trouxe na memória o percurso do homem, contribuindo para a evolução e a organização do mundo. Os contadores são cada vez mais raros e cada vez mais dispersos. Muitas vezes as pessoas que cultuam o hábito de contar histórias/casos são associadas a um mundo mágico e mítico, os principais deles tendo, por isso mesmo, um lugar especial nas comunidades onde moram, isso especialmente na zona rural. Por isso, à zona rural cabe cultivar outras formas de expressão e de representação do mundo, a melhor delas: as histórias que integram os homens entre si.

PALAVRAS-CHAVE: Rio; narrativa; linguagem; ribeirinho.



Maria Ludiana Pedroza Pinheiro (UNIR)

A PARÓDIA DA CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA *EM POR MARES NUNCA DANTES* (2000)

RESUMO: O presente trabalho analisa os mecanismos de transcontextualização paródica da Carta de Pero Vaz de Caminha em *Por mares nunca dantes* (2000), de Geraldo Carneiro (1952). Tal obra apresenta-se como um poema épico-burlesco que narra um acidente sofrido por Luís Vaz de Camões quando este seguia a caminho das Índias. Uma forte tormenta fez com que o poeta português saísse de sua rota e parasse no Rio de Janeiro, viajando do século XVI e vindo parar em pleno século XX. Após atravessar as fronteiras espaço-temporais, Camões relata suas impressões e surpresas a partir do momento em que se depara com uma realidade que lhe parecia completamente estranha. Trata-se, pois, de um texto híbrido, cuja linguagem é construída a partir do cruzamento de distintos discursos que vão sendo recuperados para sua composição, dentre os quais, destacam-se os signos oriundos da *Carta de Pero Vaz de Caminha*. Como suporte às leituras, recorreremos às teorias de Linda Hutcheon (1985) sobre a paródia e autorreflexividade, para assim explicarmos como se processa a “reinvenção” dos elementos da tradição da literatura canônica ocidental no interior do poema analisado, espaço em que tais aspectos são “refuncionalizados”, adquirindo, então, uma dimensão mais plurissignificativa. Valendo-se de intertexto paródico com a Carta de Pero Vaz de Caminha, observa-se que o poema de Geraldo Carneiro busca reconfigurar a paisagem identitária do Brasil, fundamentando-a sobre as bases da heterogeneidade cultural. Demonstrar como se dá esse processo de “redescoberta do Brasil” na virada do século XX para o XXI é o objetivo desse estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Geraldo Carneiro; *Por mares nunca dantes*; Carta de Pero Vaz de Caminha; paródia; identidade brasileira.



Mariana Rissi Azevedo (UFAM)

A MULHER ATRAVÉS DO OLHAR DO NARRADOR BUKOWSKIANO: A REPRESENTAÇÃO DO UNIVERSO FEMININO NA OBRA *ERECTIONS, EJACULATIONS, EXHIBITIONS AND GENERAL TALES OF ORDINARY MADNESS*, DO AUTOR CHARLES BUKOWSKI.

RESUMO: Charles Bukowski se tornou famoso por seu estilo coloquial e obsceno focado no submundo da sociedade. Mulheres são constantemente objetificadas em seu trabalho. Por conta disso, Bukowski se tornou conhecido como sexista e misógino. Alguns críticos como Russell Harrison (1994) reconhecem a presença do chauvinismo machista na obra de Bukowski. No entanto, o teórico afirma haver uma ironia por parte do autor ao representar os protagonistas masculinos, o que demonstra uma sátira ao machismo. Russell afirma que a redação das obras do escritor tem de ser vista no contexto da ‘segunda onda do feminismo’, época na qual Bukowski se consolidou, e como consequência recebeu influência. Esse momento da liberação feminina é representado por livros, tais como: *Sexual Politics*, de Kate Millett (1969) e *The Female Eunuch*, de Germaine Greer (1970). Bukowski, conhecido por apresentar a mulher como objeto do desejo masculino, demonstra uma sensibilidade diante da objetificação do corpo feminino no conto “The Most Beautiful Woman in Town”, no qual o autor retrata a protagonista Cass como vulnerável e carente de assistência. A presente comunicação situa esse conto na obra *Erections, Ejaculations, Exhibitions and Tales of Ordinary Madness* (1972), para demonstrar a forma excepcional com que o autor mostra a sua sensibilidade em relação à figura feminina no contexto de uma coletânea caracterizada por sua misoginia.

PALAVRAS-CHAVE: Charles Bukowski; objetificação sexual; segunda onda do feminismo.



Nayara Maria Pessoa Lessa

**PROBLEMAS DES(COBERTOS): UMA ANÁLISE DOS RELATOS DOS
PROBLEMAS AMAZÔNICOS QUE A HISTÓRIA NÃO REGISTROU**

RESUMO: A Amazônia é uma região que teve grande parte da sua história contada por relatos de viajantes, alheios às suas particularidades e, uma vez que atendiam as políticas da conquista, não pretendiam se fixar no território. Desde o século XVI, essa prática é visivelmente a marca usada para definir a região em comento. A leitura das obras *Mulheres da Floresta* (1999), *Breve história da Amazônia* (2001), e *À Margem da História* (1999) convidou-me a pensar em como surgiu o homem amazônico, dentro de um grande cenário que é o Brasil/Amazônia, propondo, assim, uma análise sobre o imaginário da Amazônia. Nesse sentido, procurei demonstrar neste artigo que houve um interesse nos séculos passados em evidenciar o seringueiro amazônico como um ser rude, preguiçoso, alguém distante não somente geograficamente, mas também de uma realidade que se acreditava que poderia haver na Amazônia. Uma realidade europeia com roupagem amazônica. Teremos oportunidade, através deste artigo, de contribuir com o entendimento de como se deu o processo social e econômico que grassou na região amazônica, a partir do início do século XX. Abordaremos como a determinada literatura encarou as relações sociais e os sujeitos que se inseriram nesse ciclo produtivo. As leituras de *Amazônia – Cultura e Sociedade de Djalma Batista* (2003), *Mulheres da Floresta: Uma história* de Cristina Scheibe Wolff (1999) foram essenciais e fizeram surgir o desejo de investigar e rever alguns posicionamentos a respeito da cultura amazônica.

PALAVRAS-CHAVE: Seringueiro; imaginário; Amazônia.



Néstor Raúl González Gutiérrez (UNIMAR)

**A RELAÇÃO DO ESPAÇO COMO CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE CULTURAL
NO CONTO INFANTIL DE DAVID SANCHEZ JULIAO**

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo identificar a relação do espaço no conto infantil *El país más hermoso del mundo*, de David Sanchez Juliao, apresentando a relação entre as personagens com a conformação de uma identidade cultural e social na narrativa infantil como eixo articulador entre a “contação” de histórias com a consolidação de imaginários ficcionais que exaltam as características demográficas e regionais da Colômbia, ressaltando a importância das narrativas infantis como ferramentas pedagógicas no processo de identidade nacional. Discute-se a importância do conto infantil no processo de apreensão e de ressignificação social na identificação de realidades fomentadas pela leitura que garantem a produção de autoconhecimento e de reflexão entre realidade e ficção. A apresentação foi dividida em três tópicos que nortearão a sua compreensão, começando com uma breve biografia do autor, seguindo da articulação da sua obra com a produção de identidade cultural, para assim continuar com a relação do espaço e a produção de sentido no discurso descritivo. Para sua elaboração, se fez necessária a pesquisa bibliográfica de autores como BAKHTIN (2003), BRANDÃO (1997), FIORIN (2006), HALL (1992), entre outros não menos importantes.

PALAVRAS-CHAVE: Conto infantil; Identidade Cultural; “Contação” de histórias; Literatura Colombiana.



Paulo Eduardo Mendes Souza (UNIR)

A RELAÇÃO BRASIL- CANADÁ NA OBRA DE PRISCILA UPPAL

RESUMO: Este trabalho é parte do projeto PIBIC: “Brasil nos escritos de Priscila Uppal” que desenvolvemos no Grupo de Pesquisa “Literatura, Educação e Diversidade: caminhos da alteridade”. Nossa proposta é explorar o livro da canadense Priscila Uppal, *Projeção: o Encontro com minha mãe fugitiva*, à luz das teorias de Literatura de viagem, e tradução pós-colonial: *Projeção* (2013) é uma obra que foi bem recebida no Canadá e ganhou prêmios, sendo indicado para o “Governor’s General Award”, o mais alto prêmio da literatura canadense. A obra de Uppal foi classificada por alguns críticos canadenses como “Testemunho”. No entanto, argumentamos que está mais próximo de literatura de viagem. Percebe-se que a autora ao relatar sua viagem ao Brasil para reencontrar a mãe que não via há vinte anos, repete vários estereótipos sobre o país muito presente em obras de literatura de viagem. Em seu “encontro com a mãe fugitiva”, no Brasil, a autora observa o país com “olhos imperiais”, fazendo generalizações e revelando preconceito contra o país da América do Sul. O leitor percebe que o encontro com a mãe, em vez de promover uma ponte ou uma conexão entre o Brasil e o Canadá, promove uma separação e uma visão binária da autora. Há no relato de Uppal uma clara oposição entre Canadá e Brasil, entre o Norte e o Sul – e esta merece ser investigada. Autores que discutem literatura de viagem, como Mary Louise Pratt, e autores do pós-colonialismo, tais como: Anibal Quijano e Ramon Grossfoguel, entre outros, servirão de suporte teórico para nossa argumentação. Por fim, discutimos como sua aversão ao Brasil é um reflexo de uma crença na superioridade do “Norte” sobre o “Sul”.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-colonial; literatura de viagem; cultura.



Quelmo da Silva Lins (UNIR) e Miguel Nenevé (UNIR)

**COLONIZAÇÃO E DESCOLONIZAÇÃO EM A SELVA,
DE FERREIRA DE CASTRO**

RESUMO: Neste trabalho, propomo-nos a analisar a obra *A Selva*, do autor português José Ferreira de Castro, sob uma perspectiva pós-colonial. Identificaremos questões em que a obra sugere uma postura tanto colonizadora como descolonizadora em relação à Amazônia e ao Brasil. Sendo escrita por um europeu que passou um período nas selvas amazônicas, a obra pode repetir discursos estereotipados sobre a região bem como pode revelar uma prática contra-discursiva; ao discurso colonizador ao contradizer certos estereótipos. Nossa leitura tem apontado para certa alteridade observada pelo narrador (e autor), ao relatar a falta de humanismo e de respeito ao trabalhador da seringa na primeira parte do século XX. Se por um lado, há uma denúncia das más condições dos trabalhadores do seringal, por outro, há também uma tendência em revelar a Amazônia como um inferno. Por ironia, o seringal que faz parte do cenário da obra é batizado de *Paraíso*. Estudiosos de literatura de viagem como Mary Louise Pratt (*Imperial Eyes*) e Neide Gondim (*Invenção da Amazônia*), entre outros, darão suporte teórico para nosso trabalho.

Palavra-chave: *A Selva*; colonização; descolonização; alteridade.



Renato Sousa dos Santos Júnior (UFAM) e Klivy Ferreira dos Reis (UFAM)

A QUEDA DA CASA DE USHER, DE EDGAR ALAN POE - TRANSPOSIÇÃO PARA A MÍDIA FÍLMICA: A POLÊMICA DA FIDELIDADE

RESUMO: O uso de obras literárias como aporte nas mais diferentes mídias, em especial para o cinema, já é uma prática cultural própria ao público contemporâneo, abordando uma nova divulgação do literato e resultando na atração de um público cada vez mais diversificado para a leitura de obras. Nisto, esta comunicação propõe uma análise entre a obra “A queda da casa de Usher”, de Edgar Alan Poe, publicado pela primeira vez em 1839 e a adaptação fílmica “La Chute de La Maison d’Usher”, de Jean Epstein, lançada no ano de 1928. Este trabalho reconhece os pontos entre literatura e cinema, sopesando a importância e

independência dessas mídias, sendo elas tanto escrita quanto audiovisual, buscando motes que nos permitam explicar o processo de adaptação. Também é foco da pesquisa discutir a questão da fidelidade na adaptação de obras literárias para o cinema, levando em consideração críticos do estudo da adaptação, sendo eles: Roman Jakobson (1969), Julio Plaza (2008), George Bluestone (2003), Brian McFarlane (1996), Robert Stam (2000), Hattner (2010) e Linda Hutcheon (2006). A apresentação irá explicar o estudo da adaptação desde o seu início quando o foco era a fidelidade e a tradução até a contemporaneidade, cuja proposta é o estudo da intertextualidade e a autonomia.

PALAVRAS-CHAVE: Adaptação fílmica; fidelidade; literatura; Poe.



Rodrigo Anderson Machado Cavalcante (UNIR) e Joanna da Silva (UNIR)

PELAS ENTRELINHAS DO PODER: RESISTÊNCIA EM A SELVA (1930), DE FERREIRA DE CASTRO

RESUMO: O romance *A selva*, de Ferreira de Castro, é considerado uma das mais importantes produções literárias da abordagem dos conflitos sociais e políticos, eclodidos durante o período da exploração da borracha na Amazônia. Nele, o autor coloca as dificuldades encontradas pelos seringueiros no contato com a selva amazônica e seus mistérios, além de evidenciar o regime de domínio dos seringueiros com o sistema aviador. Neste sentido, objetivamos, através deste artigo, compreender e evidenciar como o personagem Tiago resiste, juntamente, com os demais personagens seringueiros presentes na narrativa, às imposições violentas do seringalista Juca Tristão. Para tanto, apoiamos-nos em teóricos que versam sobre a resistência dos sujeitos pós-coloniais, tais como: Bhabha (1998); Bonnici (2003, 2005), além de nos situarmos historicamente em Souza (1994), Gondim (2009), Cunha (1999), entre outros. A partir da análise da obra, verificamos que o escravo alforriado Tiago consegue romper com a escravidão de seus companheiros de seringal e do

CADERNO DE RESUMOS do 1º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2016 - ISSN: 2448-0908 ano 1, v.1.
domínio do seringalista sobre si através da cortesia dissimulada e do uso de resistência violenta. Tiago, inicialmente, mostrou-se submisso às vontades de Juca Tristão, porém, após presenciar castigos que lhe remetiam ao passado escravocrata, rompe com o domínio sobre si e coloca-se como sujeito ao não admitir que a escravidão prevaleça sobre ele e os demais seringueiros.

PALAVRAS-CHAVE: A selva; pós-colonialismo; resistência; Ferreira de Castro.



Silvaneide da Silva Costa (USP-SÃO PAULO)

AS MULHERES QUE ILUSTRAM AS ESTÓRIAS DE LÍLIA MOMPLÉ

RESUMO: Na obra de contos *Ninguém matou Suhura*, da escritora moçambicana Lília Momplé, a autora escreve estórias que abarcam os anos de 1935 a 1974, período em que Moçambique vivia sob o poderio de Portugal. O livro é composto por cinco contos, dentre os quais, têm dois em que as protagonistas principais são femininas. Isto ocorre no conto “O baile de Celina” e aquele que nomeia a obra “Ninguém matou Suhura”. Além disso, em todos os outros contos, há a figura da mulher desenvolvendo vários papéis, seja de esposa, de avó, de mãe, de neta, de aluna, de professora. Objetivamos, nesse trabalho, investigar como essas personagens são afetadas pela dinâmica truculenta e maniqueísta da sociedade colonial. Essas mulheres, apesar de serem distintas nos aspectos etários, físicos, raciais e sociais, têm algo em comum: o saber, a opressão vivida, em decorrência da exploração colonial. Cada uma, à sua maneira, sente esse colonialismo modificar o curso da sua vida. As questões levantadas, a partir da literatura de Momplé, serão analisadas por meio de um estudo fundamentado no viés da dialética- materialista, utilizando os estudos de Karl Marx (2004), Georg Lukács (1974), Louis Althusser (1983) e Frantz Fanon (2005). Para melhor compreensão dos aspectos históricos e culturais da sociedade moçambicana, serão utilizadas as contribuições de Eduardo Homem e Sônia Corrêa (1977), José Luís Cabaço (2012), Paulin Hountondji (2009), Teresa Cruz e Silva (2012) e Francisco Lerma Martinez (1989).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura moçambicana; Lília Momplé; personagem feminina.



Suziane Alves de Farias (UFAC)

O IMAGINÁRIO HISTÓRICO-LITERÁRIO NA REPRESENTAÇÃO DAS IDENTIDADES ACREANAS.

RESUMO: O presente trabalho se faz pela necessidade de compreender o fenômeno do imaginário social amazônico, construído através de relatos de viajantes e de obras históricas e literárias durante o período de maior exploração amazônica, especificado pelos ciclos da borracha, onde a região passa a ser observada pela dicotomia de inferno/paraíso, e são lançadas diversas visões do outro acerca do ser amazônico, inferiorizando e estereotipando as populações existentes, criando assim preconceitos que demarcam até os dias atuais a região. Para fundamentar o trabalho, serão utilizados os teóricos Carvajal, Urgate, Hardman, Pizarro e outros que foram essenciais nesse processo de construção imagética acerca da Amazônia. Tendo como objetivo principal discutir como se construiu através das linguagens histórico-literárias a região que hoje se denomina amazônica, buscou-se problematizar como os poetas, literatos e demais autores ajudaram a construir a concepção que temos hoje a respeito da Amazônia, e de que forma essas linguagens possibilitaram uma invenção do homem amazônico que na maioria das vezes é sempre descrito de “fora para dentro”, através de discursos de viajantes que muitas vezes apenas visitavam a região sem nunca tê-la habitada ou conhecida profundamente, transformando o “ser amazônico/acriano” como produto de uma narrativa e um discurso. Diante das discussões apresentadas neste trabalho, a intenção não é de se realizar uma crítica literária, mas de demonstrar como o imaginário social amazônico foi sendo construído, fazendo uma breve ligação com o imaginário acreano; e, buscando dialogar como as obras literárias e históricas que contribuíram para a construção imagético social, averiguando ao esmo tempo o que esses autores pensavam, falavam e transmitiam aos demais lugares do Brasil e do mundo, bem como diagnosticar alguns silenciamentos nesse contexto de construção do imaginário social da Amazônia.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; imaginário; literatura.



Taianni Rocha de Santana Fernandes (IFRO) e Larissa Gotti Pissinatti (UNIR)

ADÃO E EVA E A PAIXÃO DE AJURICABA: ANÁLISE COMPARATIVA DE DIFERENTES OBJETOS LATINO-AMERICANOS À LUZ DOS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS.

RESUMO: O estudo voltado para a heterogeneidade das literaturas nacionais do continente latino-americano, conforme as proposições da crítica literária Sandra Nitrini (2010), remete-nos às noções de recriação, ressignificação, representação cultural e descolonização, conceitos estes presentes na teoria dos estudos pós-coloniais. Considerando estas noções, o presente trabalho tem por objetivo apresentar algumas reflexões acerca do percurso histórico da Literatura Comparada a partir do contexto da Literatura Latino-americana, tendo como base teórica a obra Literatura Comparada, de Sandra Nitrini (2010). Neste sentido, apresentaremos brevemente, o contexto linguístico da literatura comparada na América Latina, ponderando o impacto da Revolução cubana, do eurocentrismo e das línguas anglo-saxônicas para a literatura Latino-americana. Para tanto, abordaremos as contribuições de alguns autores para o desenvolvimento dessa Literatura comparada na América Latina. Dentre esses autores, faremos uma breve análise sobre o pensamento crítico de Guillermo de Torre, Antônio Cândido, Angel Rama, Paulo Henrique Urenãs, Adalbert Dessau e Ana Pizarro, neste contexto. A fim de exemplificar as noções acima indicadas pelos estudos pós-coloniais e sua relação com a literatura comparada, faremos uma breve análise dos seguintes objetos latino-americanos: a obra Adão e Eva, de Lodenir Becker Karnopp e Fabiano Rosa (2011), narrativa adaptada culturalmente para a literatura surda e a obra A Paixão de Ajuricaba, de Márcio Souza (2005), uma peça teatral escrita por um autor amazonense, objetivando verificar os elementos de aproximação entre elas a partir do lócus de enunciação.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Comparada; Estudos Pós-coloniais; América Latina.



Taianni Rocha de Santana Fernandes (IFRO) e Larissa Gotti Pissinatti (UNIR)

ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO LITERÁRIA EM *O INVENTÁRIO DAS COISAS AUSENTES*, DE CAROLA SAAVEDRA

RESUMO: O presente trabalho apresenta breves considerações sobre a Literatura Contemporânea, que passou a ser vista essencialmente como uma produção literária heterogênea, híbrida e que busca novas formas de representação e transcrição da realidade, conforme as enunciações do professor Karl Eric Schollhammer (2009). Considerando essas preposições de Schollhammer e tendo como referência a obra *O Inventário das coisas ausentes* (2014), escrita pela jornalista e literata contemporânea Carola Saavedra (1973), propomos uma análise das diferenças estruturais de textos tidos como tradicionais e das produções literárias da contemporaneidade. Para tanto, apresentaremos as significações dos títulos e dos capítulos dessa obra de Saavedra; as fragmentações de pensamentos representadas por intermédio das histórias paralelas. Além disso, pretendemos apontar o processo de desconstrução do fazer literário realizado pela autora, referenciando a Teoria de Desconstrução do filósofo Jacques Derrida (1930-2004). Trataremos, portanto, de estabelecer um contraponto entre o processo de desconstrução preconizado por Derrida e as fragmentações presentes na obra em estudo, buscando identificar que a proposta de reorganização da narrativa, sugerida por Saavedra, pode servir de reflexão sobre o fazer literário na contemporaneidade. Estudaremos, enfim, como esse processo de desmontagem/desconstrução do texto escrito na contemporaneidade pode proporcionar uma remontagem/reconstrução deste texto, podendo, posteriormente, gerar uma(s) nova(s) possibilidade(s) de entendimento.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Contemporânea; desconstrução; fazer literário.



Tamara Afonso dos Santos (UFAC)

***GALVEZ, IMPERADOR DO ACRE E SUA VERSÃO PARA A LÍNGUA INGLESA:
ENTRE FICÇÃO E HISTÓRIA***

RESUMO: A presente comunicação tem por objetivo apresentar resultados parciais de uma pesquisa em andamento intitulada “*Galvez, Imperador do Acre e sua Versão para a Língua Inglesa: entre Ficção e História*”. É possível perceber na literatura uma ferramenta de construção, cristalização e propagação de discursos, assim como também é uma ferramenta para a descolonização do pensamento, da história e das economias. Daí advém a necessidade de uma análise de obras que contenham uma narrativa sobre o nosso lugar. Se o texto literário em sua versão “original” já levanta suspeitas sobre o olhar com o qual autor constrói discursivamente essa região e seus habitantes, como ele os representa, sobre o teor de seu conteúdo imagético-discursivo, a sua tradução para a língua do estrangeiro, do colonizador, no mínimo merece uma desconfiança redobrada. Por esta razão, este estudo tem como objetivo investigar a obra *Galvez, Imperador do Acre (1976)*, de Márcio Souza, e sua tradução para o inglês, *The Emperor of the Amazon (1980)*, feita por Thomas Colchie, com o intuito de fazer, também, um contrabalanceio entre ficção e história a partir das representações amazônicas acreanas, espaiadas ao longo da narrativa em análise, procurando estabelecer um paralelo discursivo entre história e literatura. Para a realização dessa pesquisa, está sendo utilizada como orientação metodológica a pesquisa bibliográfica no que concerne às obras objeto de análise e na seleção do referencial teórico, estudos pós-colonialistas e tradução, como, por exemplo, Edward Said, Frantz Fanon e Susan Bassnet. Assim, valemo-nos de uma perspectiva dialética no sentido de o pesquisador estar sempre atento às contradições e dialogando com os conceitos. É com essa abordagem que pretendo verificar a possibilidade ou não de se considerar a obra de Márcio Souza e sua tradução uma narrativa pós-colonial, e se existe ou não e de que forma é feita, dentro de cada uma delas, essa construção imagético-discursiva sobre a Amazônia acreana, que estabeleça uma relação colonizador-colonizado.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia acreana; pós-colonialismo; tradução.



Thayná Nogueira Lobato (UFAM)

**COMPARAÇÃO ENTRE O “AUTO DA BARCA DO INFERNO” DE GIL VICENTE
E O “AUTO DA COMPADECIDA” DE ARIANO SUASSUNA**

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo fazer a análise e comparação entre o *Auto da Compadecida*, obra de Ariano Suassuna e o *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, a partir da qual podemos acompanhar o momento em que os personagens serão julgados conforme o que eram e fizeram durante sua passagem na terra, sendo encaminhados conforme o julgamento para o paraíso ou para o inferno. Neste sentido, podemos observar a comparação entre os personagens João Grilo e o parvo, que representavam tipos populares, o que se liga às próprias raízes populares dos autos e a característica de crítica social que eles carregavam; e também o bispo e o frade que estão representando a igreja como uma crítica religiosa pois os dois não eram vistos como exemplo de moral. Tratando-se de uma alegoria, ambas as obras trazem personagens, valorizando símbolos, ou seja, seu significado secundário é o que mais prevalece, por exemplo: em *O Auto da Barca do Inferno* a figura do advogado e do juiz destaca a corrupção; assim também é o exemplo do bispo e o sacristão no *Auto da Compadecida*. Embora localizados em períodos muito distantes (século XV e XX), os personagens são parecidos, pois carregam consigo alguns valores socialmente relevantes, enquadrando tais textos como de crítica social e religiosa.

PALAVRAS-CHAVE: *Auto da Compadecida; Auto da Barca do inferno; teatro popular.*



Uilza Clemânci Alves dos Santos-UNIR

A VOZ FEMININA EM MIA COUTO, TRANSCENDE O FIO DO SILÊNCIO

RESUMO: Esta pesquisa investiga a representação da figura existencial feminina, tomando como base dois contos da literatura moçambicana, a saber: “O cesto” e “A saia amarrotada”, que compõem a obra: *O fio das Missangas* (2009), autoria do escritor que corresponde à nova escrita africana, Mia Couto. Destarte, os contos analisados discutem as censuras em relação ao corpo feminino, opressão e submissão instaladas na sociedade de fortes vestígios patriarcais, estabelecido no relevo atual do pós-colonialismo, problematizado nos referidos contos. À luz dos estudos de base feminista, especificamente o argumento anti-identitário e antiessencialista de Spivak (2010), bem como o da criação de espaços de fala do subalterno, são fundamentais para a segmentação literária do feminismo negro. Nessa perspectiva, a pesquisa justifica-se na localização e exaltação do sujeito que fala e de onde fala, contempla sobretudo, o processo de memória nos percursos em que personagens retratam o cotidiano de Moçambique, das vilas, aldeias e cidades. A alteridade e a cultura em que tais textos se inscrevem apontam para a distinção, que constituem a vida social tensa e conflituosa. Partindo da concepção pragmática de que o texto não está despregado do seu contexto social, é de fundamental importância a revisão da história crítica, por meio dos seguintes teóricos, a saber: Bonnici (2000); Hall (2006) e Bhabha (2003) sobre identidade cultural e diáspora; Ecléa Bosi (1994), e autores que discutem a africanidade de língua portuguesa: Afonso (2004), Abdala Junior (2003). Contudo, verificamos como Mia Couto poeticamente representa seu povo no espaço ficcional moçambicano, o que não retira o caráter universal das histórias dos personagens, ao contrário, percebemos as particularidades do lugar social em que estão inseridas. Os espaços, aos quais nos referimos aqui, não são somente os físicos, mas também os espaços subjetivos, como, por exemplo, o lugar social das personagens femininas. Nota-se uma relação de sintonia entre o espaço e os personagens, seja pela aprovação ou rejeição do mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: *Literatura africana, Feminismo, Mia Couto.*



Uryelton de Sousa Ferreira (UNIR-PORTO-VELHO)

A PRESENÇA DA LITERATURA FANTÁSTICA, EM *MARGINAIS*, DE EVEL ROCHA

RESUMO: O presente trabalho, com base na análise do romance *Marginais* (2010), do escritor cabo-verdiano Evel Rocha, objetiva evidenciar e compreender como aspectos da literatura fantástica se fazem presentes na obra como estratégia discursiva, considerando que o fantástico, segundo Rodrigues (2000), refere-se ao que é criado pela imaginação, o que não existe na realidade, o imaginário, o fabuloso. Nesse sentido, o gênero fantástico deixa de ser percebido como narrativa de entretenimento, uma vez que não mais apenas se aplica a contos fabulosos com criaturas imaginárias e passa a ser, também, revelador de problematizações da vida e do ambiente em que se insere: no cotidiano da sociedade, segundo explica Volubuef (2000). Inserindo-se, nesse contexto, o enredo de *Marginais* apresenta ao leitor diversos acontecimentos estranhos que propiciam a relação de compreensão do fantástico. Sob essa perspectiva, de acordo com Todorov (2004), o fantástico envolve a relação estabelecida entre o real e o imaginário, de forma que estes aspectos mereçam algo mais do que simples menção, como o uso pelos Pitboys de suas fezes, denotando uma maneira de serem notados, nas inscrições das paredes da delegacia, evidenciando as contrariedades relativas ao sistema que os marginalizava, segregando-os do seio de uma sociedade burguesa, permeada de arquétipos discriminatórios. Nosso estudo também fará uso das teorizações contidas em Camarani (2014).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Evel Rocha; romance; fantástico; Cabo Verde.



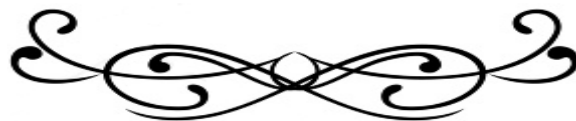
Wilson Junior Rodrigues Leal (UFAM/UFAM)

“TERRA CAÍDA”: AS RELAÇÕES ENTRE A NATUREZA E O CABOCLO

RIBEIRINHO

RESUMO: Este trabalho propõe a análise do conto de Alberto Rangel, intitulado “Terra Caída” (2008), o qual conta a estória do caboclo José Cordulo e sua família, ribeirinhos, que enfrentam a dura rotina de viver em meio à floresta amazônica, convivendo com as diversidades que são apresentadas pela natureza em seu cotidiano. O Cenário apresentado no conto é de um sertão em plena selva amazônica, mostrando a luta do caboclo “sertanejo” para manter-se de pé na luta diária pela sua sobrevivência e de sua família contra as forças da natureza. Daqui, dá-se o nome ao conto de “Terra Caída”, por justamente tratar-se de um evento natural, enfrentado todos os anos pelos ribeirinhos que moram as margens dos rios na Amazônia. O objetivo deste trabalho é analisar a temática central da narrativa; A Natureza *versus* O Caboclo, pautando-se em como o caboclo lida com os conflitos gerados pela Natureza, os quais dificultam o seu modo de vida; a Natureza, por sua vez, como antagonista exercendo influências, no espaço físico, no ambiente psicológico e no tempo. Para esta análise, foi necessário o levantamento bibliográfico de cunho teórico e crítico que abordasse a temática aqui proposta, baseando-nos em autores como Gondim (2007), Souza (1978), Souza (2009), Cunha (2003), Tocantins (1968), entre outros. Sendo assim, fazemos uma reflexão em torno da personificação da vida do caboclo ribeirinho, da Natureza como provedora do seu sustento, como sua antagonista e como o caboclo lidam com essas adversidades ditadas pela força da Natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; caboclo; *Inferno Verde*; Terra Caída.





Palestras

MACHADO DE ASSIS CRONISTA(S): PSEUDÔNIMOS OU HETERÔNIMOS

Alex Sander Luiz Campos - IFNMG/UFMG.

RESUMO: Propomos, primeiramente, uma revisão do nosso trabalho “Machado de Assis contra a concepção de sujeito solar: implicações na crônica”, defendido como dissertação de mestrado na Faculdade de Letras da UFMG em 2013. Reafirmou esse trabalho a ideia de que, contrariando a tradição moderna do sujeito, a obra de Machado de Assis permaneceu alheia ao ditame metafísico da unidade do sujeito. Foram investigadas as implicações dessa postura na crônica, partindo de um *corpus* composto pelas duas últimas séries escritas pelo autor, publicadas no jornal *Gazeta de Notícias* – “Bons dias!” (1888-1889) e “A semana” (1892-1897). Baseando-nos na via alternativa proposta por Costa Lima, a de um sujeito fraturado, pudemos identificar, em cada uma das séries, um cronista distinto, dotado de características particulares – um cronista, enfim, mais próximo do que se convencionou tratar por “heterônimo” que da usual denominação de “pseudônimo”. Em um segundo momento, é apresentada a recepção crítica desse trabalho e são estabelecidos alguns diálogos com estudiosos de Machado de Assis (Vitor Cei, John Gledson e David Jackson).

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis, crônica, jornalismo literário.



**A POESIA CABO-VERDIANA CONTEMPORÂNEA: CORSINO FORTES,
ARMÊNIO VIEIRA E FILINTO ELÍSIO**

Raquel Aparecida Dal Cortivo – FAPEAM/UFAM/USP

RESUMO: A literatura cabo-verdiana passa, em seu processo de formação, pela reivindicação de uma identidade autônoma, nesse sentido, temas locais como a seca, a emigração, a evasão, a exploração colonial e o sofrimento do povo de um modo geral estão presentes, assim como as tradições do país como a música, as danças e os rituais religiosos. Tais temas atribuem às obras um teor engajado, principalmente no período que antecedeu a independência e, conforme afirma José Luís Hoppfer Almada, foram os responsáveis por certa “monocultura literária” (2010, *on-line*). Entretanto, conforme aponta o autor, para além dos temas locais e telúricos, outras preocupações também figuram na mente dos autores e diversificam a literatura contemporânea. Desse modo, podemos divisar nesse horizonte poético modos diferentes de relação com a história do país, manifestados em diferentes experiências poéticas de resistência que vão do engajamento social e político ao afastamento desses aspectos. Dessa forma, essa poesia deve ser olhada de perto para que se possa melhor compreendê-la em sua inserção na história literária do país. Para tanto, propomos a leitura comparada entre as obras dos poetas Corsino Fortes, Arménio Vieira e Filinto Elísio. As obras dos três autores destacados da vasta produção poética cabo-verdiana configuram diferentes modos de resistência política e poética, cuja força centrípeta, que destaca elementos locais, particularizantes e individualizadores, parece guardar em si certa dimensão universal para além da questão nacionalista, tornando-se humanista e existencial (na literatura de Corsino Fortes e Filinto Elísio). Tal força centrípeta, no entanto, entra em tensão com uma força centrífuga também metaforizada pela imagem da ilha, cujas fronteiras abrem-se para o exterior; esta força afigura-se na literatura universal de Arménio Vieira.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia cabo-verdiana. Corsino Fortes. Arménio Vieira. Filinto Elísio

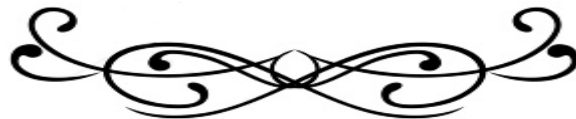


O TEOR FILOSÓFICO DO JORNALISMO LITERÁRIO DE MACHADO DE ASSIS

Vitor Cei Santos – LILIPO/UNIR.

RESUMO: Joaquim Maria Machado de Assis trabalhou a vida toda como jornalista. O objetivo geral deste trabalho é mostrar que o nosso mais importante escritor também foi um dos maiores jornalistas brasileiros de todos os tempos. Como objetivo específico, contrapõe-se à tese de Alex Sander Luiz Campos, apresentada no livro *Machado de Assis contra a concepção de sujeito solar: implicações na crônica*, segundo a qual as crônicas machadianas seriam escritas por heterônomos. Campos livro identifica, em cada uma das séries, um cronista distinto, dotado de características particulares que permitiria caracterizá-los como heterônomos. Para cumprir esses objetivos, argumento que a crônica, considerada um gênero de classificação imprecisa, fronteiro entre o jornalismo e a literatura, ocupa um lugar importante na obra de Machado. Se as práticas do jornalismo e da filosofia na maioria das vezes excluem-se mutuamente (enquanto uma se apressaria para abordar o particular, a outra se debruçaria demoradamente sobre problemas universais), as crônicas de Machado de Assis escapam dessa dicotomia. Ao longo de sua vida o escritor-jornalista produziu um jornalismo literário que conjugava *fait divers* (“fatos diversos”, incidentes da atualidade, que interessam pelo pitoresco), acontecimentos históricos, alusões literárias e reflexões filosóficas, de caráter ontológico, ético e estético.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis, crônica, jornalismo literário.





Minicursos e oficina

UM CONVITE À LEITURA DAS CRÔNICAS MACHADIANAS

Alex Sander Luiz Campos

EMENTA: A crônica: gênero polivalente; lugar da crônica na obra de Machado de Assis, panorama da produção machadiana nesse gênero (1858-1900); leitura de crônicas selecionadas.

Objetivo: Por meio de textos previamente selecionados, abordar aspectos importantes da cronística de Machado de Assis, de modo a incentivar sua leitura e a oferecer algum instrumental para seu estudo.



NBR 6023: COMO ELABORAR REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ednelza Sarmento Garcia Gushiken (UFAM)

EMENTA: Apresentar e orientar a utilização da NBR 6023/2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT à comunidade acadêmica da UNIR, na redação e preparo das listas de referências de livros, capítulos de livros, dissertações, teses, artigos para publicação em periódicos, projetos de pesquisa, multimeios e outros documentos. Todo material é uma compilação da NBR 6023 de agosto de 2002, a qual foi baseada nas ISO 690: 1987 e ISO

690-2: 1997. Associação Brasileira de Normas Técnicas (2002, p.1) na NBR 6023/2002, "fixa a ordem dos elementos das referências estabelece convenções para transcrição e apresentação de informação originada do documento e/ ou outras fontes de informação". É importante frisar que esta Norma não se aplica às descrições usadas em bibliotecas, nem as substitui.

Referência bibliográfica:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação - referências - elaboração. Rio de Janeiro, 2002.



A ARTE CONTEMPORÂNEA E OS LIMITES DA CRÍTICA

Regina Sanches Xavier

EMENTA: O uso frequente da frase “Isso não é arte”, proferida em qualquer que seja o idioma, por indivíduos com olhares atentos em relação às variegadas manifestações da arte contemporânea, aponta para uma questão reflexiva nos museus. Os visitantes com sensibilidade soluçante, desconfiados, acautelam-se em afirmar no “limite do impronunciável” de forma inequívoca, o que seja arte, colocando, portanto, em “suspeita”, o próprio conceito de arte. O tom da dúvida é um traço deste período que constitui uma experiência de desconforto nos debates de curadoria, críticos de arte e de artistas. Neste contexto em que quase nada é certo, torna-se um incentivo indagar: por que a arte contemporânea é a espécie de coisa sobre o qual é possível haver um debate crítico-reflexivo? O objetivo do minicurso será discutir a ideia de “Fim da arte” presente na obra do filósofo e crítico de arte, Arthur Danto. Deverão ser discutidos alguns trechos centrais selecionados nas seguinte obras: *A transfiguração do lugar comum*, *O descredenciamento filosófico da arte* e *Após o fim da arte*.



A PROSA MOÇAMBICANA: DE LÍLIA MOMPLÉ E MIA COUTO

Silvaneide da Silva Costa

EMENTA: O minicurso abordará alguns aspectos da prosa moçambicana, centrando-se no gênero conto. Objetiva-se, através da reflexão do gênero literário, promover uma reflexão sobre o gênero feminino, enfatizando a condição e o lugar social da mulher nesta sociedade, em períodos históricos distintos. Para isso, o nosso arcabouço literário será as obras **Ninguém matou Suhura** (1988) de Lília Momplé e **Cada homem é uma raça** (2013) de Mia Couto.

